

FRIEDRICH DURRENMAT

PERSONAGENS

Os visitantes:

Clara Bernasconi-mãe de solteirões Clara Wessner-mãe solteira
 Ilse Maria (Bernasconi III)

Seus maridos de 1875 a 9

1 mordomo

Katy | mascote chinês

Katy | cego

Katy | cego

Katy | cego

54-M

Os visitantes:

Sehill

Seu esposo

Seu filho

Seu filho

1 burguês

1 pároco

1 professor

1 médico

1 ginecologista

1 primeiro

1 segundo

1 terceiro | crianças

1 quarto

1 pintor

Primeira mulher

Segunda mulher

4 senhorita Lude

LUGAR DE ACÇÃO

Gullerluna pequena cidade

ÉPOCA:

Atualidade

Os demais:

1 chefe de estação

1 condutor de trem

1 chefe do trem

1 oficial-de-justiça

Os empregados:

1 jornalista

11 jornalista

Leitor de rádio

Elegrafista

1. ATO

Antes que para nós, a imagem de simula de uma estação da estrada de ferro. Depois, a tabuleta "Guller." É uma, evidentemente, de madeira, que se encontra, apenas indicada, ao fundo, arruinada, em plena decomposição. Também o edifício da estação acha-se em péssimo estado, com as suas grades, conforme a / país, um horário dos trens, uma rampada, na parede, um enforcado, um jardim, de elementos de chaves, uma porta com as palavras: "Entrada proibida." Depois de mais, a escadaria das da Estação, também apenas indicada. É esquerda, uma / curvilinear, com qualquer efeito, talvez de talha, marfins encaixados nas paredes com janelas. Tabuleta à esquerda "Bamburac", à direita "Bamburac". Tudo / esculpido com raios sol de solene, diante de conditio, em banco, onde estão entalhados outros nomes. De onde vem, em estado de insensibilidade, um horário, como se fosse, está pintado uma faixa com tinta vermelha, para uma manifestação, evidentemente, "Estação Clavina." Destruído emudecer / de um trem rápido passando a toda a velocidade. Diante da estação, em canto / rênça. Os trens entalhados em banco indicam, com um elemento de chave, de esquerda para a direita, que representam a classe passageiro do trem.

O PRIMEIRO: O "Bamburac", Bamburacópolis.

O SEGUNDO: Ao lado das e sim e não, passa a "Bamburacópolis", Bamburacópolis.

O TERCEIRO: É a única estação que ainda permanece dentro do trem.

O QUARTO: Há cinco anos, a "Bamburac" e a "Bamburacópolis" passam em / "Guller" mais a "Bamburac" e o "Bamburac", todos os raios de la / portância.

O QUINTO: De importância nacional.

O SEXTO: Agora, não passa mais em seguir os passos. Há mais estação de Koenig e a representação de uma hora e meia, de Koenig.

O SÉTIMO: Estação arruinada.

O OITAVO: As Indústrias Wagner, Fátima.

O NONO: Gockmann, estrada.

O DÉCIMO: A Fundação dos Anjos, fechada.

O UNDÉCIMO: Vivemos de estado de decomposição.

O DOZE: De distribuição de sopa aos pobres.

O TREZES: Vivemos?

O QUATORZE: Vegetamos.

O QUINZE: Esperamos.

O DEZESSEIS: A cidade inteira. (Tudo se abre.)

O DEZESSETE: Já não é um tempo que um af a milardos. Há que um Koenig-Tad Fátima em hospital.

O DEZESSETE: De Koenig, a cidade, e de hospital, um tempo decorativo.

O DEZESSETE: Mandou pintar um retrato por Jim, o trem-trem americano.

O DEZESSETE: É como um círculo (Propriedade de Anjos Gil, de Western / Fátima, de North Broadcasting Company e de Koenig dos dados de Fátima / Fátima de trem. O trem se abre. Um círculo. De nome decorativo.)

A PASSAGEM DE TIEM COM UM SACOTEIRO DE CLOVE, DO ALVILLO PARA A PRINCESA.-?

O CLOVEIRO: É "Diplomata".

O TIEM: É dizer que já fazem um centro de cultura.

O ALVILLO: Se dos primeiros do País.

O PRINCEIRO: Os Europeus.

O CLOVEIRO: Então passou aqui uma noite, no Hotel de Epistola de Ouro.

O TIEM: Então começa um quarteto. [Toque de sino]-?

O ALVILLO: Berthold Schwaetz inventou a pólvora.

O TIEM: É eu cursoi com brótes a Escola de Sales-Éstes, e que é que me-
dei pintando? Meias! [Toque de sino. Os sacoteiros chegam em cavalos, como se
acessasse um bailar do repêto]-

O ALVILLO: [Um grilo arrebatado] Giller!

O TIEM: É misto de Kessiger. [Um cliente desceu do trem, passa, ainda se
reverte, ainda nos honora certezas as honras, desaparece pela porta com a /
sacoleira "Santo".]

O ALVILLO: É oficial-de-Justiça.

O TIEM: Vais percorrer a Prefeitura.

O ALVILLO: Também políptico com estas lições. [O chefe de estação dá a
sino para o trem partir.] [Na vila chegam o Burgomestre, o Professor, o Sé-
neca e Schill, nome de quem há anos, fazem vestimenta sacralizantes.-]

O ALVILLO: A Ilustre visitando chega nos a expressão de Kessiger, e
é uma hora a treze.

O PRINCEIRO: Vamos ter conto do cêre misto e do grupo juvenil.

O ALVILLO: É resiquos do sino de tazer a retata. Isso ainda não está na praça

O ALVILLO: Na Praça do Mercado, já foi arreado o carroço para a Banda Mui-
cipal e o Grêdo Giesitico vai fazer a pirâmide humana em honra do miliená-
rio. Depois, bequeito no Apóstolo de Ouro. Infelizmente, as finanças não dão /
para a iluminação, é noite, da Catedral e da Prefeitura. [O oficial-de-Justi-
ça vai de cavaleiro.]-

O OFICIAL-DE-JUSTIÇA: Bom dia, Sr. Burgomestre. Os meus respeitos.

O ALVILLO: Que deseja por aqui, oficial-de-Justiça Claret?

O OFICIAL-DE-JUSTIÇA: Isso, o Sr. Burgomestre já sabe. Vou ter um trabalho na
dormo. Experimente a que é percorrer uma cidade inteira.

O ALVILLO: É não ser uma volta rápida de passeio, na Prefeitura não /
vai acreditar nada.

O OFICIAL-DE-JUSTIÇA: O O Sr. Burgomestre conhece o Museu Cívico Gillerme.

O ALVILLO: Há três anos que foi vendida aos americanos. Muitos coffee /
estão vendidos. Ninguém mais paga impostos.

O OFICIAL-DE-JUSTIÇA: É o que é preciso apurar. O País inteiro está rico e /
logo, Giller, com a Fundação do Milenário, vai à falência.

O ALVILLO: Também para nós é um mistério conhecido.

O PRINCEIRO: Tudo tremido de esportaria.

O ALVILLO: Pacificação dos judeus.

O TIEM: É alta finança está notica rica.

O QUARTO: O comitê da Internacional marche nos bastidores. [Toque de sino /
ta]

SCHILL: Corridos também era, Repartia tudo o que tinhamos e vir roubou coisas, para dar a uma filha pobre.

O BARONESTEIN: Fazer para a beneficência, é absolutamente necessário que na alta casa, haja mulheres, é o principal. Alguém se lembra de algum prédio que a pol. dele construiu? Viria a calhar no discurso.

DEOD: Ninguém. (O Baronestein fecha as portas do apartamento.)

O BARONESTEIN: Fala que eu diz respeito, eu estaria pronto... a resta é tarefa de Schill.

SCHILL: Eu sei. E naturalmente tem de voltar alguns das suas idéias.

O BARONESTEIN: Alguns milhões-esse é o verdadeiro conceito.

O PROFESSOR: Isso de apêche, no mesmo caso, não adianta nada.

O BARONESTEIN: Mas para Schill, desde muito a mulher é a personalidade mais querida de Ellen. Na primavera, levei-a a sua madrinha e já estabeleci contatos com a família. Ficamos de acordo em preparar a mulher para sua nova tarefa.

DEOD: Mas, Sr. Baronestein...

O BARONESTEIN: É a pura verdade.

SCHILL: Mas mulheres, mesmo as que importa, sabem de mais modo, quem falar com Clara sobre a nossa miserável situação.

O FÉLIX: Mas com cuidado, cuidadosamente...

SCHILL: Precisamos proceder habilmente, com cores de psicologia. Já um fracasso na recepção à chegada poderia mudar tudo por água abaixo. Sendo de idosos e não mais não resolve nada.

O BARONESTEIN: Não, Schill tem razão. Afinal, essa questão também é muito importante porque naturalmente para a mãe de sua filha natal, seria-se necessário se sua mãe, amaldiçoada, com lágrimas nos olhos, teria a ver com / lhos conhecidos. Eu, naturalmente, não estarei aqui em nome de justiça, como agora, não, não, naturalmente, de fraqueza e cartola, tendo se logo visto reconhecido, na frente, os olhos das duas, todos de branco, afetando raras. Deve / ouvir as duas filhas por um tempo. (Toca no sino.)

O PRIMEIRO: O "Volando Furioso".

O SEGUNDO: Vozes-Catocoles, uma hora e vinte e sete.

O FÉLIX: Uma hora e vinte e estabelece temas quase duas horas para por a roupa das meninas.

O BARONESTEIN: Para reger na alta a filha "Sem-vinda Clara Johanneke" desde filia e Meuser. (Aperta para a porta.) Os outros, é melhor que filhas / quem agitando a situação. Mas, por favor, não de barbeiro, como na sua presença, quando não a Comissão de Exatidão não soube a menor impressão e não / hoje ainda esperamos pela subversão. É apropriado não é uma alegria verdadeira, mas, não, uma alegria corvida, mesmo com soluções no que, que separam as a serviente da cidade pelo regresso de sua filha. Mostrem-se desorientados a cordialidade, mas que a organização seja perfeita, pelo amor de Deus, e se eu tem de entrar logo depois do café adiantado, principalmente, é preciso / muita paciência em que...

(O estrado do trem vai se aproximando para a vista das suas palmeiras. Depois vai de freio. O assento e a confortável giram-se no rosto do leitor. As rodas de metal deslizam sobre o trilho.)

O PRIMEIRO: O rápido!

O SEGUNDO: Parou!

O TERCEIRO: Oh Gullon!

O QUARTO: No lugarzinho mais confortável.

O QUINTO: Mais imundo.

O SEXTO: Mais desprotegido da linha Varadero-El Estrecho.

O CHEFE DO ESTADO: Focam ressequidas as leis do metrômetro. "O Molande fusione" tem de seguir as regras de Luthemau, passar como um rei pela estação, e desaparecer, um covão negro, no túnel de Mithras. (As sirenas, chegam / Edoardo Zehenderman, 65 anos, cabelo preto, olhos de vidro, dentes brancos / de ouro, enfeitados com, incríveis, mas, passar direto e por lado mesmo, / quando isso, com um sorriso peculiar, não obstante todo o seu estado. / Fala dele e sua esposa, o monarca late, falando os 60 anos de idade de / Edoardo Zehenderman, e marido muito alto, moreno, cabelo preto, com equipamento com / olho preto e cabelo de cabelo de ouro, dentes brancos, olhos vermelhos, cabelo castanho, e esposa.)

CLARA ZEHENDERMAN: É aqui Gullon?

O CHEFE DO TREM: A senhora passou a argola do freio de emergência, madame!

CLARA ZEHENDERMAN: Eu sempre puxo a argola do freio de emergência.

O CHEFE DO TREM: Prezada, emergência. No mesmo país, passa a puxar a argola do freio de emergência. Mas mesmo em caso de emergência, o princípio / fundamental é receber o herói. Não há uma explicação.

CLARA ZEHENDERMAN: Estamos em Gullon, sim, Poby. Responda este triste lugar hoje. A é um reino, a floresta da festa Imperial, com o riacho, onde está poder-se passar trilha e lóides e, à direita, a talhada do palheiro de Peter.

EDUARDO: (Como que desconfiando) Clara.

O PRIMEIRO: A Zehenderman.

EDUARDO: A Zehenderman.

O PRIMEIRO: O carro misto e o grupo juvenil que não estão prontos!

O PRIMEIRO: Os jogadores de futebol, e os jogadores de futebol!

O PRIMEIRO: A emergência!

O PRIMEIRO: E eu sou fraco, sou bom de futebol, tenho futebol, sou bom!

O PRIMEIRO: A Clarinha Zehenderman Clarinha Zehenderman! (Sei, correndo no, sei / no, no, no.)

O PRIMEIRO: (Como que desconfiando) Clara. Não sei, e não sei, e não sei.

O CHEFE DO TREM: Estes é o grupo de emergência. Na emergência dos olhos / funções, em nome da direção do estrado de ferro.

CLARA ZEHENDERMAN: A senhora é um menino. Eu quero, justamente, é visitar a vila. Devo de poder de seu rápido andando?

O CHEFE DO TREM: A senhora não quer o "Molande fusione" e não quer des- / jure visitar Gullon? (As as sirenas tremendo para as sirenas.)

CLÁUDIO ZAMBRASSIAN: Retocando.

O CHEFE DO TREM: Madame, se a sua intenção é abater Cullen, não há, a não ser que vá ao Kalbernich e assassinar os dois heróis e querendo à sua / disposição. Como todo mundo. Chegada a Cullen, há uma hora e treze.

CLÁUDIO ZAMBRASSIAN: O trem que para em Lohr, Braunschweig, Gelsenbeck e Loo-therburg? É a estação próxima que eu me deixarei prender, durante esta hora por essas ideias idiotas?

O CHEFE DO TREM: Isso vai lhe custar caro, madame.

CLÁUDIO ZAMBRASSIAN: Boby, três mil.

TOBIS: (Surpreso) Mil. (E saca três mil do bolso de trás.)

O CHEFE DO TREM: (Sarcástico) Madame.

CLÁUDIO ZAMBRASSIAN: É mais três mil para a Sociedade Beneficente das Filhas das Ferrovias.

TOBIS: (Surpreso) Três mil. (O Chefe do Trem saca mais três mil do seu bolso.)

O CHEFE DO TREM: (Confuso) Essa sociedade não existe, madame.

CLÁUDIO ZAMBRASSIAN: Trate de resolvê-la. Já descontamos alg qualquer coisa / de alguma do Chefe do Trem.)

O CHEFE DO TREM: (Impossibilitado) Madame é a Sr.^{te} Cláudia Lehmann? / Oh, desculpe. Isso, naturalmente, tudo. É evidente que a trem irá parar / em Cullen, se tivermos a ser a linha de que... Mas está a seu dispor / de volta, madame... Quatro mil... Meu Deus.

TOBIS: (Surpreso) Quatro mil.

CLÁUDIO ZAMBRASSIAN: Quatro mil e setenta.

TOBIS: (Surpreso) Mil e setenta.

O CHEFE DO TREM: Deseja que o "Volando Furioso" espere até a senhora ter visitado Cullen, madame? A direção da estrada de ferro terá alguns prazos / em abundância. Parece que o perigo da catástrofe é iminente. Cullen. Com um / toque final.

CLÁUDIO ZAMBRASSIAN: Já acabou aqui na despedida e mais a seu trem.

PAULO RUI: (Do seu apartamento) Mas a imprensa, jornais, a imprensa ainda / não desiste. Os jornalistas estão almoçando no café-restaurant, lá na / fresta, sem saber de nada.

CLÁUDIO ZAMBRASSIAN: Pois que continue almoçando. Talvez, no entanto, não pte / cipe de imprensa, em Cullen, esta tarde, ele virá sozinho. (Saca mais tempo, / e finalmente chega a estação de Braunschweig. Já se aproximaram os dois / heróis de Cláudia Lehmann, O Pícaro e o Quirio, em um momento, com a / Cláudia e as crianças "Don-vinda Cláudia Lehmann". O Pícaro não tem tempo de / archivar. A chefe da estação já a sinal para o trem partir.)

O CHEFE DO TREM: Contente que a senhora não vá se deixar à direção da / estrada de ferro. Foi unicamente em se entendido. Já tem conhecido a par de alg / momento. É Chefe do trem pela para sig.)

O BURGUESESA: Ilustre o prezada senhora,da qualidade de burgueseira de /
Gulien,tenha a honra de apresentar à senhora,como filha que é de nossa ci-
dade...(O resto do discurso do Burguesista,que perdura até ao final da primeira
luzada,é inteiramente coberto pela barulheira do iron variando em grande
velocidade.)

CLAIRE BURGUESISA: Eu lhe agradeço, Sr. Burguesista, o seu bonito discurso.
(Vol. em direção de Schill, que, em uma apressada foi ao seu standing.)

SCHILL: Clara.

CLAIRE BURGUESISA: Alfredo.

SCHILL: Eu hei, que está indo.

CLAIRE BURGUESISA: Eu sempre tive esta intenção, durante minha vida toda,
desde o dia em que conheci Gulien.

SCHILL:(Neste ponto aparece ele) É muito agradável de sua parte.

CLAIRE BURGUESISA: Você também parece se apor?

SCHILL: Naturalmente. Sempre, isso você sabe, Clara.

CLAIRE BURGUESISA: Foram maravilhosos todos aqueles dias que passamos /
juntos.

SCHILL:(Voz) Justamente. (Ao Professor) Então, professor? Está no papel.

CLAIRE BURGUESISA: Chama-me como você sempre se chama.

SCHILL: Meu querido-da-mão.

CLAIRE BURGUESISA:(Repetindo como se volta esta) É que mais?

SCHILL: Minha brasileira.

CLAIRE BURGUESISA: É você era para mim e minha pintura preto.

SCHILL: Ainda não.

CLAIRE BURGUESISA: Sabemos. Você esqueceu. Então volte gracinha e casa de
mãe-d'água.

SCHILL: Mas você não mudou, minha brasileira.

CLAIRE BURGUESISA: Real não. Eu também fiquei volta e गई. É a minha /
para quando lá se foi, de acidente do automóvel. Agora, vejo sempre de /
três rápidos. Mas esta para moderna é perfeita, não acha?(Levanta a mão
a mostra a parte superior.) Parece mesmo com a minha dificuldade.

SCHILL:(Enquanto a sua) Isso eu nunca teria pensado, meu querido-da-mão.

CLAIRE BURGUESISA: Você é ilusão, Alfredo, de que lhe apresenta o meu ad-
timo marido? proprietário de plantações de fumo. É isso realmente é feliz

SCHILL: Com prazer.

CLAIRE BURGUESISA: Isso aqui, Roby, cumprimentos. Para dizer a verdade, ele /
se chama Paulo, mas eu sei : Roby mais bonito. Tinha muitas coisas com /
Roby, que é o nome do seu primeiro. Afinal de contas, sempre a gente tem /
para a vida toda, logo, as coisas é que devem adaptar-se ao nome dele. (O. No
isso há 2 comentários inclinando-se.)

CLAIRE BURGUESISA: Mas é um amor, com seu bigode preto? Esqueceu-se, Roby.
(A Maria com comentários.)

CLAIRE BURGUESISA: Não. (A Maria com comentários ainda mais.)

CLAIRE JAMASSIAN: Ainda mais.

MARCO DE TE: Não do que isto, não posso concordar-me, horrível, horrível.

CLAIRE JAMASSIAN: É claro que não. Experimente. (O Marco não consegue - se ainda mais, fura os olhos.)

CLAIRE JAMASSIAN: Via que pedreira é verdade, difunde, que, assim, ele só / uma impressão como diabólica? Como um brasileiro. Mas é aquilo. É quase um / dois. O pai dele era russo. Fomos casados por um ano. Não é interessante? / na, quero ver um pouco de Giller. (Faz um longo suspiro de dor, e então, / um, suspirando e suspirando.)

CLAIRE JAMASSIAN: Quem conheceu esse caso das pedras foi meu pai, Pety / Trevelin caprichoso, rigorosamente de acordo com as expectativas. Quando / ele chegou, eu fizera horas sentado no telhado, suspirando para baixo. Mas só / nos homens. (Os fundos, reúnem-se e para muito no grupo jovem.) É isso mesmo, / então, de verdade.)

O PROFESSOR: Fico embora, como diretor da Clínica de Giller e voltar de / sobre este de então, peço licença para lhe prestar homenagem com uma virgula / na minha fidelidade, recontada pelo não mais e o grupo juvenil.

CLAIRE JAMASSIAN: Está bem, professor, como é com a sua virgula na / reatidão. (O Professor não se dá conta de que não é um e não mais e / o grupo juvenil começa a cantar, mas, não mais. Então, ele / não tem ideia de quando. O Chefe de estação faz contradição. O não tem / de fato com a reatidão, de fato, o Professor se desloca, finalmente e / um pouco.)

O PERSONAGEM: (Inconsciente) O caso de fazer a reatidão. Agora é que a não / soube explicar!

CLAIRE JAMASSIAN: Certamente não, jovem de Giller. Especialmente a ideia / com a / var de todos. Então de quando, com a gente saliente, então então / (na posição sobre o cenário por entre o não mais, fazendo contradição diante / de Claire Jamassian.)

O POLÍCIA: Como da polícia Marinho, não sei, não sei.

CLAIRE JAMASSIAN: Verdade. Não quero perder ninguém. Mas Giller, talvez, / ainda não se precisa com seus serviços. Não lhe aconteceu, de vez em quando, / fazer os olhos e alguns mais?

O POLÍCIA: Acostumado, não, sempre. Que seria de não, de Giller, de não se / esquecer?

CLAIRE JAMASSIAN: No futuro, será muito agradável sempre. (O Polícia ri - se um tanto sarcástico.)

RENDA: (Rindo) Isso é com por cento Clavillon por cento e muito brasileiro. / (Uma clareza, uma palavra no caso. O Personagem não se dá conta de que / de Professor, então é sua frente de duas notas. Então, este não. Então, / não mais.)

O PERSONAGEM: Minhas notas, Clavillon e Adolfin. É falta a petreio. / (Grande e não de duas notas, mas uma contradição e então é a reatidão - / não mais de notas semelhantes.)

O PRIMEIRO: Flores primeiras, brancas, fadas.

O SEGUNDO: Flores brancas verde-escuretas.

O TERCEIRO: Líquens e musgos, saltes de hera.

O QUARTO: Brancas e azuis, corais de sapão.

O PRIMEIRO: Flores que correm, cantos de pássaros.

O SEGUNDO: Flores e chalcões azuis azuis.

O TERCEIRO: Flores azuis, flores azuis.

O QUARTO: Flores nos galhos e velhas flores. (Do fundo chegam as duas mães / das mandadeiras de chalcões, trazendo a filha de Claire Jahanassian, as duas mães, Schill. Além, o marido 183 e, nas as fundo, o Roldano, cantando as duas mães as duas mães.)

CLAIRE JAHANASSIAN: A florista da festa Imperial, Roby e Toby, param.

OS DOIS CIGOS: Param, Roby e Toby, param, Roby e Roby. (Claire Jahanassian dança da casaca e contempla a florista.)

CLAIRE JAHANASSIAN: O coração com as flores brancas, Alfredo. Quem espalha e afastadas uma da outra, é flores brancas, mas azul e azul galhos azuis brancos, tal como nós. (Claire Jahanassian sorri-se das outras flores.)

CLAIRE JAHANASSIAN: Um grupo de flores nos azuis, há muito que eu não / percebia a florista da minha modéstia, há muito que não pisava o chão fado de folhas, a hera cor de violeta. Não pisava no chão atrás das folhas, com sua litadeira, as mandadeiras de galhos, não gosto de ter suas mandadeiras sempre, debaixo das folhas. E você, Roby, veja se espalha à direita, para as bordas / do chão, debaixo das folhas. (Do fundo chegam as duas mães com a filha com a litadeira, o marido 183, à direita, Claire Jahanassian sorri-se as duas mães.)

CLAIRE JAHANASSIAN: São nós, um grupo. (O primeiro não nos ouve.)

SCHILL: E aqui é proibido, tempo de festa.

CLAIRE JAHANASSIAN: Trocamos belos vestidos nesta pedra. Há mais de 40 anos, e nos amamos atrás dessas orquídeas, debaixo dessa fada, por entre as duas pequenas flores, as musgos. Eu tinha 17 anos e você não chegava aos vinte. Depois você se casou com Matilde Blumfeld e seu amor e eu com a filha Jahanassian e suas filhas de Armada. Cio se encontra com o barão de Hamburgo. Fico toda enfeitada pela sua beleza azul, a minha tua e filha Jahanassian de cor.

SCHILL: Claire!

CLAIRE JAHANASSIAN: São, um Henry Clay.

OS DOIS CIGOS: Um Henry Clay, um Henry Clay. (O Roldano com a filha, afasta-se um pouco, o primeiro fado.)

CLAIRE JAHANASSIAN: Eu gosto de chorar, O João seria que fumesse as duas mães feitas com fado as suas mães, mas não se impõem nenhuma confiança.

SCHILL: Caei-me com Matilde Blumfeld por amor de você.

CLAIRE JAHANASSIAN: Eu tenho dinheiro.

SCHILL: Você me ama e bonita. O futuro lhe pertenceria. Eu seria a sua felicidade. Tive de renunciar à minha.

CLAIRE JAMASSIAN: É, agora, o futuro chegou.

SCHILL: Tivemos ficando aqui, aqui dentro no mundo, com eu.

CLAIRE JAMASSIAN: Você está no mundo?

SCHILL: Um sucesso falido com o sucesso falido.

CLAIRE JAMASSIAN: Agora, quem tem sucesso com eu.

SCHILL: Eu vivo no inferno, desde a dia em que você foi embora.

CLAIRE JAMASSIAN: É eu me tornei o inferno.

SCHILL: Tenho que brigar com a minha família, que todos os dias me ligo / me sento a noite pobre.

CLAIRE JAMASSIAN: A família não são você feliz?

SCHILL: O sucesso é que você seja feliz.

CLAIRE JAMASSIAN: E sua família?

SCHILL: Sem a menor idealismo.

CLAIRE JAMASSIAN: Isso, com o tempo, virá a eles também.

(Ele levanta, pega uma fita e começa a filmar a Claire.)

SCHILL: Eu não vou mais viajar. Sem sequer, a um dia, sem viajar a Berlin e outra do Lago de Lugano, é tudo.

CLAIRE JAMASSIAN: Também, para que eu conheça a vida.

SCHILL: Porque você tem sempre a possibilidade de viajar.

CLAIRE JAMASSIAN: Porque ele me pertence. (Ele levanta e ela fica.)

SCHILL: Agora, vai tudo bem.

CLAIRE JAMASSIAN: Contando.

SCHILL: (Sussurra.) Você vai me ajudar?

CLAIRE JAMASSIAN: Não posso abandonar a cidade de minha juventude.

SCHILL: Preciso de milhões.

CLAIRE JAMASSIAN: É pouco.

SCHILL: Meu patinho-de-matita. (Lembra, olha para uma pilha de dinheiro na mesa ao lado e volta a olhar para ela com uma expressão de dor.)

CLAIRE JAMASSIAN: Isso daí. Você bateu num parafuso de minha pasta / mecânica. (O dinheiro tira do bolso da caixa de ... rachado e uma caixa de café, enferrujada, bate com o chão no chão.)

CLAIRE JAMASSIAN: Um péssimo.

SCHILL: É como antigamente, quando eram jovens e a cidade e a cidade / passar no florido da festa Imperial, nos dias de festa com. É o alto da festa de festa, um dia de festa. Agora correndo no dia e a festa de festa com o mesmo gosto de festa.

O dinheiro acabou! (Schill pega a máquina.)

SCHILL: Frente ao mar e vento nos cabelos, a memória da infância com a e a ruína das ondas de mar. Como antigamente, tudo com antigamente. (Ele pega a caixa de café e começa a filmar a Claire.)

SCHILL: Tivemos o tempo passado, minha querida. Podemos a vida não nos ter sido.

CLAIRE JAMASSIAN: É isso e que você deseja?

O MÉDICO: Tem efeito, minha senhora. É o meu dever, função inerente ao cargo.

CLAIRE JARRESSIAN: No futuro, atente salpêso cardíaco.

SCHILL: (Rindo) Sua ideia, que enérgica! (Claire Jarressian afastou-se do "cão de caça" e olhou para Claire na sua cadeira de malha.)

CLAIRE JARRESSIAN: Faça mais alguns exercícios. (O cão está doente na cadeira sobre os braços.)

CLAIRE JARRESSIAN: Que mãos! Queítem toda essa força, e melhor muito antes, ou não virá?

O MÉDICO: (Na presença de Claire na cadeira, enérgica?) Se estragada...

CLAIRE JARRESSIAN: Agora, estenda entre os braços para trás, melhor que antes e, depois, faça o período de chão.

SCHILL: (Rindo) A Claire é enérgica demais. Tem medo de correr de riso.

(O Médico olha não se trata de seu caso.)

O MÉDICO: Não se preocupe, milhões de pessoas sofrem disso.

SCHILL: (Em sua cadeira) Ela nos apresenta milhões. (O Baroneiro olha para Claire e notifica, respira profundamente.)

O BARONEIRO: Milhões?

SCHILL: Milhões.

O MÉDICO: Correto. (A milionária afastou-se de Claire.)

CLAIRE JARRESSIAN: Agora, Baroneiro, fiquem com fome.

O BARONEIRO: Estamos apenas a espera de seu marido, minha senhora.

CLAIRE JARRESSIAN: Não precisa esperar. Está pensando e eu sou de divorciar dele.

O BARONEIRO: Divorciar?

CLAIRE JARRESSIAN: Também para ele vai ser surpresa. É que eu sou com um alto nível de classe.

O BARONEIRO: Mas a senhora adora que o meu casamento seja feliz?

CLAIRE JARRESSIAN: Todos os meus casamentos são felizes. Mas a minha sociedade era viver-me no catolismo de Guller. É preciso realisar os sonhos da sociedade. Vai ser uma sociedade importante. (Claire se sentou, Claire Jarressian logo levantou-se e Baroneiro e Schill, de lado de Schill, a senhora Schill e, ao lado do Baroneiro, a esposa doente, à direita, atrás de outra mesa, a Professora, o Médico e a Família e, à esquerda, os outros. Outros convidados da festa, com as respectivas esposas, ao lado, onde se encontra a festa com "Bela-vinda Claire".) O Baroneiro, sorrindo, lá com a sua, depois ficou atrás de pequeno, levantou-se e se sentou no chão.)

O BARONEIRO: Minha senhora, meus caros convidados. Faz, agora, 45 anos que a senhora deixou a minha pequena cidade, a qual fundou pelo Elster Banco e Genesio, ao estado graciosamente entre a floresta de forte Imperial e a balneário de Fickert. Quarenta e cinco anos, nove lustros, um tempo enorme. Banco Interior, muitas coisas aconteceram, muitas coisas diferentes. O mundo sofreu e não com ele. Mas, ilustre história, não muito esqueço a senhora - a minha Claire. (Aplicação) Bem a senhora com a sua família. Sua mãe, assim, dando exemplo da vida da mãe, (Schill diz-lhe balneário alguns anos) era naturalmente vítima com pesar de todos, por uma tuberculoso pulmão.

E seu pai, tão popular, e que se deve, porio de antigão, uma contribuição aos
técnicos e alguns conhecimentos valiosos! [Schill diz-lhe baixinho alguma coisa]
e volta apressado, embora ainda esteja vivida na mesma saia, como os melhores
e se não fosse os cabelos brancos não é quando é verbas, quem não é corbela,
quando, leste discreto! [Schill diz-lhe baixinho alguma coisa], com suas tradi-
ções ruins, faria alguma coisa pelas nossas ruas, hoje, infelizmente, em pe-
dição de miséria? Já nesse tempo todos sentiam o encanto irresistível de
sua personalidade e presentes a futura ascensão aos vertiginosos pinócu-
los da sociedade. [Para de falar e aproxima-se do espectador.] Mas ficou
permanecendo inconquistável. Com efeito, ainda hoje, os seus trabalhos acadêmicos
são apontados aos alunos, como modelo, pela classe docente, especialmente, ex-
traordinárias foram suas opiniões nas matérias mais importantes, história
e sociologia, expressão do seu afeto por toda a que precisa de proteção. Seu
amor à justiça e o seu sentimento de caridade já, então, excitavam a adira-
ção de muitas camadas do povo pobre. [Grande silêncio.] Para terminar a-
perceba um de seus gestos caridosos, recordarei como a noiva Glorinha sempre
quiu comida para uma velha e pobre viúva, consagrada batista com o diabo
durante a guerra com seu trabalho nas casas das viúvas e salvando-a, assim
de morrer de fome. [Alguma expressão] Ainda embora, mais que as outras
dões, a delicada semente de tão feliz dissolução germinou vigorosa, e trouxe
ao mundo de cambéas ruínas tornando uma grande dama, que dedicou à ser-
vidão de beneficência parte preciosa das suas obras sociais, nas suas materida-
des e distribuições de sopa aos pobres, nos seus fundos de auxílio aos es-
tudiosos, nas suas creches. Por isso, peço que todos se unam e mim no grito dos
Viva a noiva Glorinha, viva! [VIVA E APLAUSOS] [Madre lamentosa.]
[ALTO LAMENTOSO:] Burgomestre, cidadão de Góllin, não desistiremos al-
gum pela minha visita ao emprego em emprego. Para dizer a verdade, eu fui um
na minha lei pouco diferente de como me pintou o discurso do Burgomestre,
na escola levei muita pressão e, quanto lá batate para a viúva Goll, eu me
roubei, junto com Schill, não para impedir que a velha ruína morresse de
fome, mas, sim, para poder, eu mesmo uma vez, doer com Schill suas dores, on-
de era um mais cômodo de que as florestas da forte Imperial ou do palheiro
de Peter. Para corê-lo, entendo, para a alegria geral, destina desde já que
esteu pronto para doar a Góllin a quantia de um milhão. Quarentas milões
para a cidade e quarentas milões para serem distribuídos entre todos os
meus famílias. [Grande ruído.]
[BURGOMESTRE, [Copenhague] se uniu. [Todos correm apressados.]
[ALTO LAMENTOSO:] Com uma condição. [Todos correm em indistintamente mani-
festação de Góllin, burgo pela sala, trocam nas cadeiras, e almeja far a-
parência, não Schill, não mais, não mais, não mais no meio.]
[ALTO:] A noiva Glor! [Esperando] [Armadilha] [Grande ruído] Com por conta a mi-
nha família! [Goll se.]
[BURGOMESTRE:] A servida dissolva uma condição. Assim sabe qual é a condi-
ção?

CLAIRE ZAHARASSIAN Faz dizer a cordelheira,fa deu um bilhão à cidade a,com esse dinheiro,essa justiça para mim.

O JUIZ: Ia esse sentido deve entender-se isso,muito verêcia?

CLAIRE ZAHARASSIAN: As pó da letra.

O JUIZ: Mas justiça não é coisa que se possa comprar.

CLAIRE ZAHARASSIAN: Pode-se comprar tudo.

O JUIZ: Entenda não compreendendo.

CLAIRE ZAHARASSIAN: Chegue à frente,Moby.(O Passagem vem da direita para a sala da sala,entra as três pessoas,e tira as óculas escurecidas.)

O MORDOMO: Não sei se alguém ainda se recorda.

O PROFISSION: O juiz de direito Moby.

O MORDOMO: Isso mesmo.O juiz de direito Moby,até 45 anos,ou era juiz de direito em Gailen,de sede pessoal para a Tribunal de Justiça de Santiago, até que a Srª Zaharassian, já agora,fa 28 anos,me fez a proposta de me irer para o seu serviço como mordomo,Acabtei,mea carreira,talvez,um tanto estranha,para um magistrado,mas o conteúdo da proposta era de tal natureza fantástica...

CLAIRE ZAHARASSIAN: Vamos ao que interessa,Moby.

O MORDOMO: Como acabaram de ouvir,e senhora Claire Zaharassian oferece um bilhão em troca de justiça.Muitas palavras a Srª Claire Zaharassian ofegou a importância de um bilhão,me foi repeteada a injustiça de que ela / foi vítima em Gailen,Dr. Schill,por favor,(Schill levanta-se,olhando,escurido e admirado as mesmas pessoas.)

Schill: Que quer de mim?

O MORDOMO: Vem à frente,Dr.Schill.

Schill: Pode não.(Se calçar-se à frente da mesa de direito,Mi sentença do.Dó de mesa.)

O MORDOMO: Foi no ano de 1910(mesa é de 1910,fa a mesa de 1910 correspondendo a 45 anos antes da data da representação.)(Nota de Tradutor).

Eu era juiz de direito em Gailen e tive de julgar os casos de investigação de paternidade,Claire Zaharassian,naquela época Clara Muecher,então o senhor de ser o pai da criança que ela ia dar à luz,Dr.Schill.

(Schill fica calado.)

O MORDOMO: Naquela ocasião,o senhor conheceu essa paternidade,Dr. Schill O senhor trouxe seus testemunhos.

Schill: Uma volta histórica.Nu era jovem e lesteira.

CLAIRE ZAHARASSIAN: Moby e Moby,iragem para a frente Moby e Moby.(Os dois mordomos mascarados da bicicleta foram para a sala da sala os dois mordomos,que se acuram silenciosamente pela mão.)

OS DOIS: Estamos aqui,estamos aqui!

O MORDOMO: Quem são essas duas indivíduos,Dr. Schill?(Schill permanece calado!)

OS DOIS: Somos Moby e Moby,somos Moby e Moby.

Schill: Não se sentem.

OS DOIS: Estamos mudados,estamos mudados.

O MORDOMO: Diga os seus nomes.

JOÃO: Jacó Hübelsin, Jacó Hübelsin.

LEDEIG: Ledwig Sperr, Ludwig Sperr.

O PERSONAGEM: E agora, Sr. Schill?

SCHILL: Não sei quem sejam.

O PERSONAGEM: Jacó Hübelsin e Ludwig Sperr, conhecemos o Sr. Schill?

OS HOMENS: Estamos cegos, estamos cegos.

O PERSONAGEM: Não a reconheçam pela voz?

OS HOMENS: Pela voz sim, pela voz sim.

O PERSONAGEM: Em 1.910, eu era juiz e vou a vocês as testemunhas. Que foi que vocês juraram, Ledwig Sperr e Jacó Hübelsin, diante do Tribunal de Geller?

OS HOMENS: Sem tínhamos dormido com Clara, que tínhamos dormido com Clara.

O PERSONAGEM: Foi isso a que juraram diante de mim, diante do Tribunal. Diante de Deus, é a verdade?

OS HOMENS: Juramos falso, juramos falso.

O PERSONAGEM: Por que, Ludwig Sperr e Jacó Hübelsin?

OS HOMENS: Schill nos pagou para isso, Schill nos pagou para isso.

O PERSONAGEM: Com que foi que eles os pagou?

OS HOMENS: Um ou litro de aguardente, com um litro de aguardente.

CLAIRE ZAHAROWSKIAN: Agora contem a que foi que eu fiz com vocês.

O PERSONAGEM: Contem

OS HOMENS: Ela mandou nos procurar, ela mandou nos procurar.

O PERSONAGEM: Exatamente, Claire Zaharowskian mandou procurá-los. Se mundo inteiro, Jacó Hübelsin tinha emigrado para o Canadá e Ledwig Sperr, para a América Austrália. Mas ela os achou. Que fez ela, então, com vocês?

OS HOMENS: Entregou a Roby e Toby, entregou a Roby e Toby.

O PERSONAGEM: E que foi que Roby e Toby fizeram com vocês?

OS HOMENS: Cederam e cederam, Cederam e Cederam.

O PERSONAGEM: A história é assim: um juiz, um advogado, duas testemunhas falsas e um novo júri, no ano de 1910. Não é assim, verdade?

CLAIRE ZAHAROWSKIAN (levantando-se).

CLAIRE ZAHAROWSKIAN: É assim.

SCHILL (Batendo a mão no peito): Prescreveu, prescreveu tudo há muito tempo! Uma velha história absurda!

O PERSONAGEM: Sua aconteceu com a orlinda, verdade?

CLAIRE ZAHAROWSKIAN: (De voz baixa) Viveu somente durante um ano.

PERSONAGEM: E que aconteceu com a orlinda?

CLAIRE ZAHAROWSKIAN: Virou mulher de vidro.

O PERSONAGEM: Por que então?

CLAIRE ZAHAROWSKIAN: É a que tinha feito de mim a sentença do Tribunal.

O PERSONAGEM: E, agora, Claire Zaharowskian, o homem que julga?

CLAIRE ZAHAROWSKIAN: É um livro que eu posso dar. Um bilhete para Geller, ou alguém nome Alfred Schill. (Bilhete mortal. A Sr. Schill corre para Schill e o aperta contra si.)

A SENHORA SCHILL: Alfred!

(A sala. Apenas indicada. Se fecha. O Hotel de Sãstela de Ouro. Viagem de festa. Pastelaria em seu período. "Elegância". Uma vozinha. É a filha, um latido. Alfredo Sabão. Amoroso. Por baixo, um auto balcão de vendas e, atrás, uma sala com velhas marmadeiras. Quando alguém transcorre a porta lateral de lado, aparece um lado largo de campainha. É a segunda, dentro latido. "Falei". Por baixo, uma sala de madeira com um telefone. Uma marmadeira. De manhã, uma a sair, passando chafariz, depois de acordar e depois para o hotel, passando a sala, depois a flores, como para um escritório. Sabão se aparece pelo lado. Sua filha está a caminho, chegando a mãe. Seu filho não se aparece no chão.)
SABÃO: Correu.

O FILHO: Todas as dias se tiram da estação.

SABÃO: Para se sair da do futuro, vá lá a Apóstolo de Ouro.

O FILHO: Não interessa ninguém.

SABÃO: A cidade está de meu lado. (O filho está passando a cidade.)

SABÃO: Mas não vai descer para a mãe com leite?

A FILHA: Diz que fica lá em cima, que está cansado.

SABÃO: Você tem uma boa mãe, meu filho. Realmente. É preciso respeitá-lo. Uma boa mãe. É melhor que fique lá em cima, que se possa. Vamos não ter mais o café quente. É muito que não o fazemos. Lá dentro com um ovo e um leite de presunto americano. Vamos nos tratar novamente. Como nos bons tempos, logo de a Fundação do Sãstela. Trabalhava a placa rendente.

O FILHO: Você vai se dar licença, pai. (Apaga o cigarro.)

SABÃO: Não quer comer com a gente, Walter?

A FILHA: Vou até a estação. Lá dos trabalhadores está quente. Falei a respeito de substituir.

SABÃO: Trabalho na estação, só a sei suficiente, não é emprego para meu filho.

O FILHO: Falei de que nada. (Vozinha aparece. É a filha latendo.)

SABÃO: Aníbal também. É ao longo vai, se possa fazer este trabalho à minha filha filha?

A FILHA: Ao Departamento de Emprego. Falei hoje alguns segs. (A filha vai se aparece. Sabão está cansado, apaga o cigarro com o dedo.)

SABÃO: São muitos, comijos. (Da varanda, aparece alguns acordos de Walter Sabão.)

A MÃE DE FLÁVIO CARVALHO: Boby, me parece a minha prima esquerda.

A VOZ DO BASTÃO: Não me diga acentuá-la, me parece.

A VOZ DE FLÁVIO CARVALHO: Se não do caminho, atrás das flores de madeira. (Chama o menino freixeiro. BASTÃO é logo de Sabão.)

SABÃO: Meu dia, Hoffmann.

A BASTÃO: Cigarros.

SABÃO: Como todas as manhãs.

O BASTÃO: Essas são. Aníbal, porta de cartão.

SABÃO: Não mais corra.

O BASTÃO: Para se sente.

SCHILL: Porque é você, Hoffmann, e porque precisamos de nos manter unidos.

O PRIMEIRO: Estão tocando guitarra.

SCHILL: Um dos gangsters de Sing-Sing. (Alguém do hotel vem na sala comum, trazendo bebidas e outros apercechos de mesa.)

OS DOIS: Linda mamã, Alfredo, linda mamã.

SCHILL: Não para a disco que os carregue.

OS DOIS: Vamos passar, vamos passar. (Vão à esquerda.)

O PRIMEIRO: Estão indo para o disco.

SCHILL: Com os carões de peixe do sêtio marido.

O PRIMEIRO: Parece que ele perdeu suas plantações de fumo.

SCHILL: Sim, agora, também pertencem à milícia.

O PRIMEIRO: Em compensação, vai haver um casamento de arremon com o oitavo marido. O rodeado oficial foi celebrado ontem. (Na varanda, as amigas, algumas Claire Johansson, se sentam. Move a mão direita, e para esquerda. Tudo / isso, talvez, com alguns acordes desiludidos no guitarra, mas sempre com a / continuação desta cena da varanda um pouco mais nas possibilidades das / cores e, conforme o sentido do texto, ora vague, ora fractos de várias coisas / nacionais, etc.)

CLAIRE JOHANSSON: Tereza! Minha noiva, Betty, a linda popular brasileira (uma melodia no guitarra.)

CLAIRE JOHANSSON: A minha preferida da Johansson. Quería casá-la sempre. Todas as manhãs, era um homem e tanto, o velho colosso das risadas, com sua inextinguível fruta de petroleiros e suas condalarias. Ainda tinha milhães. Ajuda valia a para um casamento que ela, era um mestre em dança na corda bamba, um perito em todas as artes do disbarbado e que eu sei, apesar dele (Chega duas mulheres, trazendo a SCHILL suas vacilinas de leite.)

PRIMEIRA MULHER: Leite, sr. Schill.

SEGUNDA MULHER: Minha vacilina, sr. Schill.

SCHILL: Muito bom dia. Um litro de leite para cada uma. (Dá uma vacilina de leite a cada uma para tirar leite dele.)

PRIMEIRA MULHER: Leite integral, sr. Schill.

SEGUNDA MULHER: Dois litros de leite integral.

SCHILL: Leite integral. (Dá algumas leite entre vacilinas.) (Claire Johansson sai cantando a marchã com seu legume.)

CLAIRE JOHANSSON: Linda marchã do café. Sou leve malina nos ruas, uma / rãva pastada e, lá no cima, um céu azul violeta, como se que pintava o céu de Moik, o meu terceiro marido, o Ministro do Interior, que gostava de pintar nas fôleas. Sou pintora, era horrerosa. (Trazendo um dificuldade.)

CLAIRE JOHANSSON: O sono todo era horrerosa.

PRIMEIRA MULHER: É castiça. Caramelo grego.

SEGUNDA MULHER: É pão de leite. Leite, dois milles.

SCHILL: Alguns beirão, não?

AS DUAS MULHERES: Pão de leite.

SCHILL: Todos por um e um por todos.

PRIMEIRA MULHER: É mais ou lá a vista de chocolate.

SEGUNDA MULHER: Quatro e quarenta.

SCHILL: Também para por na conta?

PRIMEIRA MULHER: Também.

SEGUNDA MULHER: É chocolate, vamos embora aqui mesmo.

PRIMEIRA MULHER: Para isso, não há nada mais a ser feito, Sr. Schill. (Gritando ao fundo da loja a mulher o chocolate.)

CLAIRE JERONIMIDES: De repente, dessa experimentar, uma vez, a morte de meu último marido, agora que me divorciei dele, posso dizer que a minha paixão de sempre, deve estar muito triste, no fim rápido que a leve a Portugal. (O fog como ofereceu-lhe um chocolate, dizendo assim.)

O PRIMEIRO: Lá está a sua vontade no momento, saltando defesas de seu chocolate.

SCHILL: Sempre quero saber, como a coisa.

O PRIMEIRO: É o que se chama entender direito. Deveria ter verificado, diante de uma humanidade conhecida à si mesma.

CLAIRE JERONIMIDES (Furiosa): Freqüente. Não é nada ruim.

SCHILL: Ele fez mal para chocolate. Já que se vai para pedras, Hofbauer, quem não é a sua peça que lhe pregou, quando desses jovens, foi um pouco forte, realmente, quando, no "Academia de Deus", todos recusaram a sua presença, a peça de dadas, à unanimidade, apesar de aquela, aquela foi a mais bela peça de minha existência.

CLAIRE JERONIMIDES: Bem, sim, para. (CHAMA UM SEU BOM PRODUZIR) O PRIMEIRO, posso a maltratar, como todos.

O PRIMEIRO: Sem dúvida, mas não fazer calor.

O PRIMEIRO: E tempo sem castigos.

SCHILL: Que ordinação, está mesmo. De geral, isto aqui vivia lá entre a morte e a vida, de uma das para cá, a frequência não para.

O PRIMEIRO: É que estamos todos de seu lado. De lado de nossa família. Finmas como rocha.

AS MULHERES: (Comendo chocolate) Famosa como rocha.

O PRIMEIRO: Afinal de contas, você é a pessoa mais querida da cidade.

O PRIMEIRO: A mais importante.

O PRIMEIRO: No primavera, vai ser muito benéfico.

O PRIMEIRO: Ser as discussões.

AS MULHERES (Comendo chocolate): Bem as discussões, Sr. Schill, mas as discussões.

O PRIMEIRO: As garrafas de Deus. (Schill aponta para garrafas no vitrine.)
(O PRIMEIRO aponta para a mesa.)

CLAIRE JERONIMIDES: Já acordar meu noivo. Não gosto de ter marido que não me está tão perto.

SCHILL: Não a sua.

O PRIMEIRO: Não, não.

SCHILL: É o que você sempre sabe.

O PRIMEIRO: Quatro é contagem.

SCHILL: Cuesta vinte e Rejins e cinco. Ninguém pode se permitir uma despesa dessas.

O SECUNDO: Ora, a gente também precisa gastar um pouco a vida. (Uma moça aqui faz sinal a uma servente, para se aproximar)

PRINCIPA PALMER: (Comendo chocolate) Uma pouca vezçorta, com a leite está se pastando.

SECUNDA PALMER: (Comendo chocolate) E dizer que é noiva do nobre leute de Rue Bernoldo Schurer. (Schill tira da estante a carteira de cartões.)

SCHILL: Tão.

O SECUNDO: É fumo de cachimbo.

SCHILL: Sim.

O SECUNDO: De importação. (Schill faz a conta da despesa toda.)

(Na segunda, aparece o Barão RII, ator de cinema, alto, magro, vestido preto, de chambre de rube. Pode ser interpretado pelo mesmo ator que fez o papel de Barão RII.)

BARÃO RII: Não é maravilhoso, meu senhor, como primeiro café com leite, de leite de vaca? Porque um certo, das pequenas sacras, o vário suscitando / nas folhas de uma tilha, o goçolejo de chefarir de Prefeitura, alguns gal / mas cruzando a rua, dentro de uma tagarelada, com gente qualquer, com seus / pequenos problemas domésticos e, por cima das habedades, a torre de catadrell / CLAIRE JACQUILLON: Certo-ou, Roby, a sala a taca. A salicaga eu vejo escrita e pensar não é seu forte.

O BARÃO: Agora, também a futura noiva está lá no alto.

PRINCIPA PALMER: (Comendo chocolate) É coisa.

SECUNDA PALMER: (Comendo chocolate) Um cardto hano, ator de cinema. Nirma / filha a não fazendo o vilão rumo fite de sapienaga.

PRINCIPA PALMER: E eu, um papel de padre, um filis tirada de um livro de Cestem Tenere. (Claire Jacquillon é levada pela Barão RII. Aparece de mil-lares.)

O BARÃO: Para é, um diaboito e pouco pode obter tudo. (Gargal)

O PRINCIPA: Não se move torre. (Fecha a porta na mão)

SCHILL: e visto a três a oitenta.

O SECUNDO: Facha se conta.

SCHILL: Por esta semana, vou abrir uma exceção. Mas você tem de me pagar no dia primeira, quando receber seu subsídio de despesa. (A segunda aproxima-se na direção da porta.)

SCHILL: Helmsberger! (A segunda para, Schill aproxima-se dela.)

SCHILL: Você está de sapato novo. Sapato novo merem.

O SECUNDO: É só! (Schill olha para os pés do primeiro.)

SCHILL: Você também, Heffner. Você também está de sapato novo. (Olha para os Helmsberger, aproxima-se dela, desce, olhando.)

SCHILL: Também os sapatos. Sapato novo merem. Sapato novo merem.

O PRINCIPA: Não sei o que você se disse de catadrellado.

Isso, confere, eu estava presente. Mas ainda não é motivo para a Polícia 22 tomar medidas contra o Sr. Zehnhausen. Afinal de contas, estamos subordinados às leis.

SCHILL: Investigação ao homicídio.

O POLÍCIA: Escute, Sr. Schill. Investigações ao homicídio baseiam-se na proposta de assassinar o senhor antes feita a sério. É isso?

SCHILL: Também acho.

O POLÍCIA: Justamente. Mas, a proposta não é possível que fosse feita a sério, porque a prego de um bilhão é exagerada, o senhor mesmo há de admitir, por ser coisa de uma oferta de cem mil, quando muito dois mil, mais é que não com toda a certeza, pode estar ou não na feição. Isso prova, mais uma vez que a proposta não foi feita a sério e que, se tivesse sido feita a sério, a Polícia não poderia levar a sério a coisa nenhuma, porque, então, ela estaria doida. Pagar?

SCHILL: Que ela esteja ou não esteja doida, é a mim que a proposta ameaça, senhor chefe. Isso, sim, que é lógico.

O POLÍCIA: Não é lógico, não senhor. O senhor não pode ser ameaçado por uma proposta, mas somente pela concretização de uma proposta. Mostre-me uma tentativa real de concretizar essa proposta, não sei, um homem que aponte a espingarda contra o senhor, e eu entro em ação mais depressa do que a diabo! Ofereço um alho. Mas, justamente, essa proposta é que ninguém quer concretizar. Ao contrário, é manifestação no "Epitáfio de Guro" foi extremamente impressionante. Por sinal que, embora com atraso, quero lhe dar os meus parabéns. (Bate carvão.)

SCHILL: Não tenho muita certeza disso.

O POLÍCIA: Não tem certeza?

SCHILL: Meus frequentes estão comprando leite melhor, pão melhor, cigarros / melhores.

O POLÍCIA: Alegre-se, honesto! Não melhorar os seus negócios. (Bate carvão.)

CLAUDE ZEHENHAUSEN: Baby, ainda aguentar por minha conta as ações da Suport

SCHILL: Consequente, comprou o Helmsberger na minha loja. É não acho que não, porque tudo o vive de distribuição de sopa aos pobres.

O POLÍCIA: Eu vou provar a conhaque hoje à noite, Helmsberger me convidou para ir à casa dele. (Bate carvão.)

SCHILL: Toda a gente está de sapato novo. Sapato novo marrom.

O POLÍCIA: Costaria de estar o que é que o senhor tem contra sapato novo. Afinal, eu também sei usar sapato novo. (Mostra as pernas.)

SCHILL: O senhor também.

O POLÍCIA: Como vê.

SCHILL: Também marrom. E está batendo carvão de Pilzen.

O POLÍCIA: É gostoso.

SCHILL: Antigamente souia o nacional.

O POLÍCIA: Sou droga. (Música de rádio.)

SCHILL: Siga

O POLÍCIA: Que é?

SCHILL: Rápido.

O POLÍCIA: "E você não?"

SCHILL: Um rádio.

O POLÍCIA: É assim na vida, na morte de Hegelheim. Overton é rápido e jura para não importuná-lo as vizinhas. (Toma nota da infração ao seu comportamento de comportamento.)

SCHILL: De que jeito Hegelheim conseguiu um aparelho de rádio?

O POLÍCIA: Isso é lá com ele.

SCHILL: É o senhor, como Habsbach, com sua grande paga e sua carteira de Pil, com a sua roupa nova?

POLÍCIA: Isso é lá comigo. (O telefone ao lado da mesa toca. O Polícia olha de.)

O POLÍCIA: Distrito policial de Cullen.

CLARE ZANENSSON: Sup, telefone nos ouvidos das cercas com a proposta delas.

O POLÍCIA: Perfeitamente. (Pega a fone no ouvido.)

SCHILL: É de suas frequências, com que dinheiro vão pagar?

O POLÍCIA: A polícia não tem nada com isso. (Pegando a peça a seguir para as perguntas de perguntas.)

SCHILL: Mas eu tenho. Porque é com a minha pessoa que eles vão pagar.

O POLÍCIA: Alguém o está ameaçando. (Pega a carteira a seguir.)

SCHILL: A cidade central dividida. Com as divisões, somente a bom-estar. E, com a bom-estar, a responsabilidade de os motoristas. Sendo, a responsabilidade não precisa ser por outras coisas serão ficar sentada na sua varanda, tomar café, fumar charutos e bebidas. Somente esperar.

O POLÍCIA: O senhor imagina coisas.

SCHILL: Todos estão esperando. (Nota ao lado.)

O POLÍCIA: O senhor andou é abusando de aguardente. (Pega a seguinte.)

O POLÍCIA: Sim, agora, está cansado. É melhor não ficar descontrolado. A polícia está lá para fazer respeitar as leis, assegurar a ordem e proteger as vizinhanças. Ela sabe qual é seu dever. Se esperar a mais leve suspeita de ameaça, seja lá onde for, volta de quem vive, ela agirá. Sr. Schill, quanto a isso, não tenha dúvidas.

SCHILL: (Em voz baixa) Por que, então, como Habsbach, o senhor tem um dente de ouro na boca?

O POLÍCIA: Não?

SCHILL: Um dente de ouro resaca na falha.

O POLÍCIA: Está louco. (Explica, Schill pergunta que o curso de assessoria ao-za apontado contra ele a levantar lentamente as mãos.)

O POLÍCIA: Não, não tenho tempo para ficar discutindo as suas ideias fixas. Preciso ir. A maioria de milhões de dólares fugir seu sistema de estimulação. A pergunta está. É preciso reagir. (Lá o lado fundo.)

SCHILL: É o meu que está dependendo. e mim. (Clare Zannesson lê uma carta.)

Isso, confere, eu estava presente. Mas ainda não é motivo para a Polícia se tomar medidas contra o Sr. Ishamasian. Afinal de contas, estamos autorizados às leis.

SCHILL: Investigação ao homicídio.

O POLÍCIA: Escute, Sr. Schill. Investigação ao homicídio haveria somente se a proposta de assassinar o senhor fosse feita a sério. É claro?

SCHILL: Também acho.

O POLÍCIA: Justamente. Ora, a proposta não é possível que fosse feita a sério, porque a preço de um bilhão é exagerado, o senhor mesmo já se admitir, por uma coisa dessas ofereceu-se mil, quando muita coisa mil, mais é que não com toda a certeza, pode estar ou não no fogo. Isso prova, mais uma vez que a proposta não foi feita a sério a que, se tivesse feita a sério, a Polícia não poderia levar a sério a coisa nenhuma, porque, então, ela estaria doida. Pegou?

SCHILL: Que ela esteja ou não esteja doida, é a mim que a proposta ameaça, senhor cabo. Isso, sim, que é lógico.

O POLÍCIA: Não é lógico, não senhor, o senhor não pode ser ameaçado por uma proposta, mas somente pela concretização de uma proposta. Mostre-me uma tentativa real de concretizar essa proposta, não sei, um homem que aposte a cabeça pinguete contra o senhor, e eu entro em ação mais depressa do que a diabo! Ofrego um olho. Mas, justamente, essa proposta é que ninguém quer concretizar. Ao contrário. A manifestação ao "Apóstolo da Ouro" foi extremamente impressionante. Por sinal que, entore das atrezo, quero lhe dar as meus parabéns. (Bate carteira.)

SCHILL: Não tenho muita certeza disso.

O POLÍCIA: Não tem certeza?

SCHILL: Meus frequentes estão comprando leite melhor, não melhor, cigarras / melhores.

O POLÍCIA: Alegre-se, honestamente, não melhorar as seus negócios. (Bate carteira.)

CLAUDE IZAHASIAN: Baby, sendo esquecer por minha conta as ações da Dupont

SCHILL: Conheço, comprei o Heineberger na minha loja. É não anos que não / ganho nada a vista de distribuição de coisa aos pobres.

O POLÍCIA: Eu vou provar o conhecido hoje é noite. Heineberger me convidou para ir à casa dele. (Bate carteira.)

SCHILL: Toda a gente está de sapato novo. Sapato novo estran.

O POLÍCIA: Costaria de saber a que é que o senhor tem contra sapato novo. Afinal, eu também estou usando sapato novo. (Respira as mãos.)

SCHILL: O senhor também.

O POLÍCIA: Como vê.

SCHILL: Também estran. É está bebendo cerveja do Filson.

O POLÍCIA: É gostosa.

SCHILL: Antigamente bebia a nacional.

O POLÍCIA: Que droga. (Respira as mãos.)

SCHILL: Siga

O POLÍCIA: Que é?

O BARBEIRO: Bem-vinda a todos vocês.

JOÃO: Boa tarde.

O BARBEIRO: Um favor muito grande.

JOÃO: Grande favor.

O BARBEIRO: Não para.

JOÃO: E também tenho curiosidade, não é?

O BARBEIRO: Quer vir do Koberstadt, Engeström, como é que sabe?

JOÃO: Foi por isso que vim aqui.

O BARBEIRO: Mas que tem com o senhor? Está doente, senhor?

JOÃO: Estou um pouco.

O BARBEIRO: Não?

JOÃO: O senhor quer saber.

O BARBEIRO: Para não, é verdade, seria ótimo.

JOÃO: Pelo a proteção das Autoridades.

O BARBEIRO: É bom. Por quê?

JOÃO: Isso o Sr. Burgomestre já sabe.

O BARBEIRO: Desconfiado!

JOÃO: Muito embora foi posto a prisão por um motivo.

O BARBEIRO: O que é o motivo?

JOÃO: Estive na Polónia.

O BARBEIRO: Mas não pôde traduzir.

JOÃO: As leis de cada Estado levam ao mesmo ponto de vista.

O BARBEIRO: O senhor parece que está um pouco. Mas quando as tradições humanas
são, não tenho porque não seja a mesma coisa em qualquer. É uma coisa que
obrigação moral. [De repente, entra um homem de um lado, com um olhar de um
cruel.]

O BARBEIRO: A sua esposa de morrer, Sr. Burgomestre, das Américas de Oliva não
é.

O BARBEIRO: Para a morte. (O homem vai à direita)

O BARBEIRO: Não quero a sua esposa. Se o senhor não tem confiança no mesmo
mundo, eu posso traduzir. Mas quero a sua esposa. Afinal, quero
com o espírito de lei.

JOÃO: Não, quero a liberdade.

O BARBEIRO: Então, não quero.

JOÃO: Isso o Sr. Burgomestre já sabe.

O BARBEIRO: O procedimento da minha esposa, Sr. Burgomestre, não é mais tão importante
muito. Afinal de contas, o senhor traduziu esta esposa e por isso a longo um pouco
na sua esposa. Afinal.

OSVALDO: Isso aqui mostra sempre representando outras coisas, Sr. Burgomestre. (silêncio)

O BURGOMESTRE: Vou falar francamente.

OSVALDO: Não quero outra coisa.

O BURGOMESTRE: De longe para longe, como o senhor pediu. E senhor não tem a direção exata de pretender a prisão de Silvério e, também, tira de cabeça a ideia de se tornar Burgomestre. Não vai ter de lhe dizer mais.

OSVALDO: Obrigadíssimo!

O BURGOMESTRE: Por brevidade dos portões.

OSVALDO: Esperando. (No momento em que se levanta, a senhora, voltando-se para trás, diz a Burgomestre, e fica olhando para trás)

O BURGOMESTRE: O fato de concordarmos a proposta da minha senhora não quer dizer que nós vamos de acordo com aquilo que vem de trás, desta proposta. Para o corpo de Burgomestre responder certas condições de natureza moral, que o senhor não apresenta mais, isso o senhor mesmo não dá para. Quanto ao resto, é claro que concordamos pela ordem e pela consideração e respeito de todos.

(Da senhora, diz a Burgomestre, e depois de um momento a senhora, volta-se para trás, olhando para trás)

O BURGOMESTRE: Não tem mais, senhor, e vou dar a palavra Silvério. Então é "tribuna de ordem" pois que não podemos mais a respeito do caso. (silêncio)

OSVALDO: Já estão falando a meu respeito, Burgomestre! Quanto Silvério é mais porquê para mim.

O BURGOMESTRE: Com razão, meu caro senhor! E senhor deveria até ficar espantado com que se esteja a ponto de dizer sobre um fato tão obscuro.

OSVALDO: De fato, ainda tenho a possibilidade de me salvar.

O BURGOMESTRE: É a mesma coisa que deveria esquecer-se?

OSVALDO: De de volta. (O Burgomestre levanta-se)

O BURGOMESTRE: Quem é que o senhor quer dizer? Não se o caso e eu não quero. E, por isso, não se quer mais.

OSVALDO: Não se de volta.

O BURGOMESTRE: De fato de volta, não se mais vontade sobre o caso de Silvério.

OSVALDO: Alguém quer se notar, como qual tem a aparência de que não se o caso e mais, em certo momento, alguém quer se notar.

O BURGOMESTRE: O senhor está muito fatigado.

OSVALDO: Estou sendo um projeto de construção na parede. O novo prédio de Prefeitura? (Voz a senhora com a senhora)

O BURGOMESTRE: Não tem de mais, ainda se poderia fazer projetos, mais não?

OSVALDO: Já estão esperando sobre a minha saída!

ACHILLES: Um segundo não.

O FÉREZ: Não é? Ou sem atrapalhando. Cheia, rebato, é um fato positivo.

ACHILLES: (Oritando) O senhor também, fêrezo; O senhor também

(O Fêrezo olha-o, olha Achill e a segue com seus braços).

O FÉREZ: Fogo; Cristãos os pagãos, como todos fêrezo. Fogo! O não está
travando achilles, o caso da traição, fogo, não nos fêrezo cair em tortu-
ção, ficando aqui. (Deram-se duas tiros. Achill cai no solo, o Fêrezo
olha-o de cima (para dele) fogo; fogo;

CLAUDE LANTANOLAS: Botp, está atirando.

O FÉREZ: Com efeito, cadaver.

CLAUDE LANTANOLAS: Mas por quê?

O FÉREZ: A pintura fêrezo.

CLAUDE LANTANOLAS: Os tiros acortados não?

O FÉREZ: Está morto diante da loja de Achill.

CLAUDE LANTANOLAS: Contadinho do bichinho. Botp, uma marcha fêrezo.

(A marcha fêrezo tomada pela guilherma. A marcha desaparece. Fêrezo...
do vício de coleção de ferro. Como não no tempo de primeira etc...
A coleção. É a história da guerra é não a, com ponto qualquer, foi se
fiado no grande corte com um deslanchado por exemplo. "História e
Botp. Outra corte: "Assistam la representação da guerra de comemora-
ção". De fêrezo, entre os fêrezo, alguns galileus, no meio das ruas...
com uma marcha fêrezo. A marcha fêrezo de um fêrezo
passando a três velocidades. Diante da vitrola, o chefe de cole-
ção. Fêrezo contadinho. De fêrezo para Achill, travando as três marchas
melhor, a não se fêrezo. Fêrezo. Fêrezo e não se fêrezo, alguns
de fêrezo no lado, as habitações de fêrezo, galileus, fêrezo.)

O FÉREZ: Boa dia, Achill.

FÉREZ: Boa dia! Boa dia!

ACHILLES: (Responde) Boa dia.

O FÉREZ: Para onde vai, com seus cadáver?

FÉREZ: Para onde vai?

ACHILLES: Para a coleção.

O FÉREZ: Vamos acompanhá-lo.

FÉREZ: Vamos acompanhá-lo; Vamos acompanhá-lo;

(A coleção de habitações mostra cada via real.)

ACHILLES: Não deve, realmente, não vale a pena.

O FÉREZ: Está de viagem, Achill?

ACHILLES: Não.

O FÉREZ: E para onde?

SCHELL: Não sei, primeiro, perguntar-lhe-ia e, depois, para mais longe.

O PROFESSOR: Ah! E, depois, para mais longe...

SCHELL: De preferência, para a Austrália, depois hei de encontrar um modo de arranjar o dinheiro da viagem.

TONY: E viajar na América da Austrália.

TONY: Para a Austrália? Para a Austrália?

O BURGOMESTRE: Mas para quê, senhor?

SCHELL: Afinal de contas, não se pode viver eternamente no mesmo lugar, entre uns, e os outros. (Gestos a TONY, depois a SCHELL e depois a TONY e SCHELL.)

O BURGOMESTRE: Migrar para a Austrália? É ridículo.

O SENHOR: E, no seu caso, o que pode haver de mais perigoso.

O PROFESSOR: Também em dos dois pequenos casacos, afinal, tinha saído de para a Austrália.

A POLÍCIA: O lugar mais seguro para o senhor é aqui mesmo.

TONY: E aqui mesmo, é aqui mesmo.

(SCHELL, SEM APATANHADO EM SEU RISCO, COMO UM ANIMAL ACUADO).

SCHELL: (De voz baixa) Falei com os representantes do governo, em Berlim.

A POLÍCIA: E então?

SCHELL: Não tive resposta.

O PROFESSOR: A sua desconfiança é injustificada.

O BURGOMESTRE: Ninguém o quer matar.

TONY: Verdade, ninguém.

SCHELL: O correio não dá resposta a carta.

O FISCAL: Impossível.

O BURGOMESTRE: O funcionário do correio é membro do conselho municipal.

O PROFESSOR: É um homem de bem.

TONY: Um homem de muito bom homem de bem.

SCHELL: Então aqui, de cartas: "Visitem o Sol".

O SENHOR: E daí?

SCHELL: "Enviadas as representações do Palácio de Berlim".

O PROFESSOR: E daí?

SCHELL: Novas pedidas em Austrália.

O BURGOMESTRE: E daí?

SCHELL: E todas as cartas de saídas novas.

O FISCAL: E daí?

SCHELL: Tiram-me cada vez mais longe, vivem cada vez melhor.

TONY: E daí (para o SENHOR).

O PROFESSOR: O senhor está muito mais longe do que os outros.

O BURGOMESTRE: A cidade inteira o acompanha à estação.

TOMAS: A cidade inteira: a cidade inteira:

SCHILL: Eu não pedi que viessem.

O BURGOMESTRE: Tivemos o direito de nos despedir de você, pois não?

O BURGOMESTRE: Como velhos amigos.

TOMAS: Como velhos amigos! Como velhos amigos!

Além de TOMAS, o chefe da estação pega a mão para as despedidas.

De repente aparece um condutor, com as escovas de metal de um trem.

O CONDUTOR DO TREM: Uma grata despedida! Callem.

O BURGOMESTRE: Ah está o seu trem.

TOMAS: O seu trem: o seu trem!

O BURGOMESTRE: TOMAS Bem, Schill, desejo-lhe um bom viagem.

TOMAS: Um viagem! Um viagem!

O BURGOMESTRE: E que a vida continue a lhe sorrir!

TOMAS: Que a vida continue a lhe sorrir!

Os habitantes de Göttinge abatem-se no rosto de Schill.

O BURGOMESTRE: Está na hora, hoje ao expressinho para Kasselstadt o que Deus o acompanhar.

O POLÍCIA: Muitas felicitações, lá na Austrália.

TOMAS: Muitas felicitações, muita felicitações!

Schill está imóvel, olhando para as despedidas.

SCHILL: (Eu vou embora) Por que vieram todos aqui?

O POLÍCIA: Que seja o senhor está querendo?

CHefe DA ESTAÇÃO: Despeça seus bagagens, seu faveiro

SCHILL: Por que ficam todos me rodeando?

O BURGOMESTRE: Viagem e está rodeando, eu acredito.

SCHILL: Todos de repente?

O PROFESSOR: Mas já sei de repente.

TOMAS: Já sei de repente, já sei de repente.

SCHILL: Alguém vai me ajudar.

O POLÍCIA: Botagem. É só o senhor subir para o trem e vai ver logo que isso é botagem.

SCHILL: Não vou embora.

(Ninguém se move. Alguns estão parados com as mãos nos bolsos das calças.)

O BURGOMESTRE: Não sei o que está querendo, é o senhor que deve se decidir de uma vez para o trem.

SCHILL: Não vou embora!

O PROFESSOR: O seu caso é simplesmente ridículo.

Schill vai de cabeça baixa.

O PRIMEIRO: O trem está chegando.

SEGUNDO: Então querendo me segurar.

O TERCEIRO: Não para o trem! Não para o trem! (Silêncio)

SEGUNDO: (Em voz baixa) Se eu sair para o trem, alguém irá me segurar.

TERCEIRO: (Assustado) Alguém! Alguém! Alguém!

SEGUNDO: Tanto importa.

O PRIMEIRO: Olhe que o trem vai partir.

O TERCEIRO: Não de uma vez, duas de duas.

SEGUNDO: Tanto importa! Alguém vai me segurar! Alguém vai me segurar!

IO chega de repente com o sinal para o trem partir, o condutor

sinal e um sinal para a partida de um dos carros e SEGUNDO, completamente arrebatado, rodando pelas suas convulsões, escapa a vista dos olhos.

O PRIMEIRO: Vá! Vai embora sozinho de seu país.

IO corre sozinho e sozinho desaparece no vazio.

SEGUNDO: Estou perdido!

-FIM-

O PRIMEIRO: Isso, sim, foi uma festa. Não há de esquecer a recepção na Praça da Catedral.

SENHORA SCHILL: A Clarinha tem que esquecer essa felicidade, depois de todas as misérias por que passou.

O PRIMEIRO: Ainda se lembra com desconfiança d'Henrique. Com gestos assim.

SENHORA SCHILL: Hoje em dia, é modo.

O PRIMEIRO: E jornalistas, vão também passar por aqui.

SENHORA SCHILL: Não souo gente simples, senhor Hoffmann. Mas é que elas viriam procurar aqui?

O PRIMEIRO: Estão interrogando todo o mundo. Cigaretas, faz favor.

SENHORA SCHILL: Ainda posto de cortiça?

O PRIMEIRO: Sim. É um Alca-Saltador. Fizemos um farinha antes é feita, no caso dos Sticker.

SENHORA SCHILL: Como se costar?

O PRIMEIRO: Pacha na conta.

SENHORA SCHILL: É como vai a viagem?

O PRIMEIRO: Vai tudo.

SENHORA SCHILL: Também não posso me queixar.

O PRIMEIRO: Tive de pagar pessoal.

SENHORA SCHILL: No dia primeiro, também terei um empregado.

Os personagens fazem scena e uma algazarra geral!

O PRIMEIRO: Saberes lá o que passa aqui af, vestindo-se dessa modo. Na corte, acredita que se fazem pessoas de ester Schill.

SENHORA SCHILL: Uma non-vergente.

O PRIMEIRO: Como é que éis está? Já muito que não o vejo.

SENHORA SCHILL: Já em cima, se queres.

Os primeiros correm um pouco, depois o que há lá em cima?

O PRIMEIRO: Fosse.

SENHORA SCHILL: Ainda do um lado para o outro, já disse.

O PRIMEIRO: Constantemente pessoas. Há de portar muita mal com a gente sempre desconhecidos.

SENHORA SCHILL: Eu também souro com isso.

O PRIMEIRO: Entrar um pouco no assunto. Fosse para' (Criação) teu. Schill, quero que seu marido não se der com a língua nos dentes, quando vierem os jornalistas.

SENHORA SCHILL: Qual modo.

O PRIMEIRO: Com o coração que éis tua.

SENHORA SCHILL: Ainda não não é nada fácil, Sr. Hoffmann.

O PRIMEIRO: Se éis querer comprometer Clara, contando histórias, dizer de que ela ofereceu dinheiro pela sua morte na corte que a matou. E que foi apenas expressão de uma dor profunda, não deveria obrigada a inventar. Não por causa do vilão. (Criação) Mas por causa do público popular. Como sabe que o Sr. Schenckian já sofreu bastante por culpa dele. (Criação no corredor) É por aqui que se sabe do apartamento!

HERNANI SCHILL: Eu vou à no plantar aqui. Sempre morre de velho.

(A Primeira plantar-se no estremo à direita da cena, com os braços /
estendidos, imóvel, como estatuetas. Fim do Professor?)

O PROFESSOR: Bem-vindo

O PRIMEIRO: Já se vê.

O PROFESSOR: Não é nada o seu silêncio, mas, hoje, sinto muito precisão do de uma bebida bem forte.

HERNANI SCHILL: É um prazer que o senhor, um vez, venha nos visitar, professor. Bem-vindo uma nova estatua. Onde mora?

O PROFESSOR: Um côlico.

HERNANI SCHILL: O senhor também, Hoffmann?

O PRIMEIRO: Não, obrigado. Ainda preciso ir a Basileia no meu Volkswagen. Comprar uma leições.

(A Senhora Schill serve a primeira a Professor hoje?)

HERNANI SCHILL: Mas o senhor está tremendo, professor.

O PROFESSOR: Nada bebida demais, mas algumas tocas.

HERNANI SCHILL: Mais um não vai lhe fazer mal.

O PROFESSOR: É isso que está pensando? (Quanta atenção aos detalhes lá em cima?)

HERNANI SCHILL: De um lado para o outro, o dia inteiro.

O PRIMEIRO: Bom o continue.

(O Pintor chega da esquerda, segurando um quadro. Fuma uma pipa de estalado estalão, longe multido de ramoses, brisa baixa curta.)

O PINTOR: Cuidado. Dois formalistas se comprometeram por esta lei.

O PRIMEIRO: Muito respeito.

O PINTOR: Fazer que não saiba de nada.

O PRIMEIRO: Foi inteligente.

O PINTOR: Para a senhora. Nunca de sair do cavalete. Está ainda ódio do livro.

(Manda o quadro à sua Schill. O Professor serve a segunda a senhora?)

HERNANI SCHILL: Meu marido.

O PINTOR: A arte começa a crescer no côlico. Que pintora, he?

HERNANI SCHILL: A senhora.

O PINTOR: Ótimo. Para mais observação.

HERNANI SCHILL: Eu poderia mostrar o quadro no quarto de dormir. Por cima da cama. Alfredo está ficando velho. Nunca se sabe o que pode acontecer e a gente não precisa se ter uma reunião.

(A fora mesmo, silenciosamente vestidas, as duas mulheres do momento são a contradição as mercedarias cortadas na realidade eterna?)

O PRIMEIRO: Bem-vindas! Não cara e não chama os olhos luz do dia. Por isso se não as discussões as mais desastrosas das reuniões!

HERNANI SCHILL: É caro?

O PINTOR: Gratos.

SEBASTIÃO SCHILL: Por enquanto, não posso saber.

O PIETRO: Não faz mal. De qualquer, Sr. Schill, obrigado, boa noite.

O PROFESSOR: Boas noites, amigos! Boas noites. (Os personagens olham o relógio).

O ESPINHO: Os jornalistas.

O PRIMEIRO: Não sei. Questão de vida ou de morte.

O PIETRO: Voltado para lá não sei dizer.

O PRIMEIRO: Vou lá para ver minha morte.

Os homens da Gália continuam à direita. O Professor, que já conversava mais satisfeito, fica em pé junto da balcão de madeira. Chegam dois jornalistas com suas máquinas fotográficas.

O PRIMEIRO JORNALISTA: Boa noite, minha morte.

OS COLABORES: Boa noite.

PRIMEIRO JORNALISTA: Pergunta ao Sr. Como se sentem, senão, de um modo geral?

O PRIMEIRO: (Para os dois) Estamos confortáveis, naturalmente, com a visita da Sr. Sabarstschik.

O PIETRO: Confortável.

O SEGUNDO: Obrigado.

PRIMEIRO JORNALISTA: Obrigado.

SEGUNDO JORNALISTA: Pergunta ao Sr. A senhora tem está aqui de balcão durante os momentos a respeito à Sr. Sabarstschik?

PRIMEIRO: Os habitantes da Gália estão visivelmente interessados.

SEGUNDO JORNALISTA: Quem foi que disse isso?

PRIMEIRO: Os dois jornalistas chegaram com máquinas fotográficas em suas mãos.

PRIMEIRO JORNALISTA: Os dois senhorinhos baixos e curtos da Sr. Sabarstschik. (Risos).

SEBASTIÃO SCHILL: (Risos) Quem foi que disse isso?

PRIMEIRO JORNALISTA: Tudo.

O PIETRO: Não sei de nada! (Risos)

SEGUNDO JORNALISTA: Por que não dizem Sabarstschik e o Sr. Sabarstschik estão juntos e vivem de um lado, há mais de 20 anos. Confirma? (Risos)

SEBASTIÃO SCHILL: Sim.

SEGUNDO JORNALISTA: O Sr. Schill está aqui?

SEBASTIÃO SCHILL: Em Kalberstadt.

TODOS: Em Kalberstadt.

PRIMEIRO JORNALISTA: Podemos finalmente iniciar o processo. O Sr. Schill e a Sr. Sabarstschik apareceram juntos, talvez antes das visitas, e lá juntos para a escola. Servem os alimentos ao fim da tarde, os primeiros habitantes festejam, até que o Sr. Schill morra e morra, que morra com seus olhos como a sociedade, a família, e a cidade.

SEBASTIÃO SCHILL: A cidade, de todos os momentos juntamente com o senhor disse.

JOHANNES JOHANNSEN: Então, dra. Schill, gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada. Obrigado, e a todos os dias....

JOHANNES SCHILL: Por favor.

DR. OTTO SCHILLER: (Silêncio) Por favor.

FREDERICK JOHANNSEN: Por favor.

DR. OTTO SCHILLER: Então, dra. Schill, gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada. Obrigado, e a todos os dias....

DR. OTTO: (Interrompendo) Então, gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada. Obrigado, e a todos os dias....

JOHANNES JOHANNSEN: dra. Schill, gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada. Obrigado, e a todos os dias....

JOHANNES SCHILL: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES JOHANNSEN: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES JOHANNSEN: Então, gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada. Obrigado, e a todos os dias....

DR. OTTO SCHILLER: Então, gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada. Obrigado, e a todos os dias....

JOHANNES SCHILL: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

FREDERICK JOHANNSEN: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES JOHANNSEN: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES SCHILL: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES JOHANNSEN: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES JOHANNSEN: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

DR. OTTO SCHILLER: Então, gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada. Obrigado, e a todos os dias....

JOHANNES SCHILL: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES JOHANNSEN: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada. Obrigado, e a todos os dias....

DR. OTTO SCHILLER: Então, gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada. Obrigado, e a todos os dias....

JOHANNES JOHANNSEN: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES SCHILL: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES JOHANNSEN: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada. Obrigado, e a todos os dias....

JOHANNES SCHILL: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES JOHANNSEN: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada. Obrigado, e a todos os dias....

JOHANNES SCHILL: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES JOHANNSEN: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

JOHANNES JOHANNSEN: Gostaria de ver. Gostaria de conhecer o conteúdo, pessoal, com uma visão detalhada.

O PROFESSOR: Já aconteceu demais, maravilhoso, se decide Schill!

A FILHA: (Interrompe) Sr. professor!

O PROFESSOR: Eu me descomento, filhinha. Chegue a ti falar; em vez dig-me, não fazê-lo, em vez trovejar, em vez professor!

O SENHOR DE CASA: (A quem se apressa na mesma sala).

O FILHO: Não! Não quero a qualquer estragem se não me dêem!

O PROFESSOR: Protesto! Porquê a decisão pública do mundo inteiro! Por quem se em silêncio acontecimentos!

Os filhos vão para a sala com a mãe, mas, sem sucesso, chega Schill, a filha, tentando uma roupa diferente).

SCHILL: Eu não se esqueço as minhas leis!

Os filhos vão para a professora e ficam falando Schill, mostrando, a filha Schill).

SCHILL: Que é que o senhor quer em cima da minha, professor?

O Professor olha para Schill, olhando, radiante).

O PROFESSOR: A verdade, Schill. Estou pensando a verdade nos momentos da infância. Eu vou trovejar, como um trovão. (Interrompe) Porquê não um humanista, como os antigos gregos e admirador de Platão.

SCHILL: Calo-se.

O PROFESSOR: Não!

SCHILL: Deixa-se.

O PROFESSOR: Eu a minha humanidade...

SCHILL: Sente-se. (Silêncio)

O PROFESSOR: O senhor já não passou um tempo? Sente-se. A minha humanidade não se esquece. Pois não, já não tenho o senhor mesmo a verdade. (Lança da mão a verdade, com o senhor ainda falando ao amigo).

SCHILL: Queira descobrir. É bom não falar.

SEGUNDO JORNALISTA: O Sr. Schill?

SCHILL: Eu deixo de mim?

SEGUNDO JORNALISTA: Não, a mesa, que não conseguem encontrar-lo por aqui. Precisamos saber uma coisa. O senhor já ficou? (Lança de darrore).

SEGUNDO JORNALISTA: Constativa, atordalho de decisões, artefatos de ferro... Já não: batemos um choro do senhor falando ao mesmo.

SCHILL: (Interrompe) Eu mesmo!

SEGUNDO JORNALISTA: (Interrompe) Não é mais que a natural, para produzir efeito. O é de um instrumento de carvão. O seu trabalho não é a verdade, mas a mão, faz uma cura de quem não se esquece e o senhor se distrai por cima do balcão, estando a qualidade do artigo. Por favor. (Interrompe a palavra).

SEGUNDO JORNALISTA: Mais naturalidade, por favor, mais descoberta.

Os Jornalistas batem a porta.

SEGUNDO JORNALISTA: Muito bem, Sr. Schill.

SEGUNDO JORNALISTA: Não, um erro da família. Por favor, não o seu

braga sobre o ombro da senhora. O filho, à esquerda, a filha, à direita. E agora, por favor, um sorriso irradiando alegria, irradiando felicidade, irradiando confiança satisfeita.

FRANCISCO ALVES LIMA: Uma palavra, como introdução. (Os personagens fazem alguma introdução e entram a cena decorando com a segunda mão). (O terceiro, um filho muito mais jovem do pai).

O PORTUGUEZ: E introduzidas arranjou entre marido. Não passou na fronteira da Porta Imperial.

FRANCISCO ALVES LIMA: Agora!

FRANCISCO ALVES LIMA: Não há uma casa no "Lido"? Os dois Jornalistas com expressão de láia, Silêncio. O Primeiro continua decorando a segunda mão.

O PORTUGUEZ: (Silêncio) Tivemos sorte.

O FILHO: Você vai me desmentir, meu pai. Mas se ainda restarem que os outros se acursem de modo pacífico, e imaginas não tem de estar de modo. Entendeu? (Sil). É fregado o amor, mas ainda não se acurte de modo da família.)

O PORTUGUEZ: Foi inteligente. Foi muito inteligente, de uma parte, não de por besteira. De um patife como você, ninguém acreditaria mesmo que se calasse. (Sil).

O PORTUGUEZ: Agora, ainda vão publicar essas coisas nas revistas, Schill.

SCHILL: Pois é.

O PORTUGUEZ: Vamos ficar calados.

SCHILL: Por não do dia.

O PORTUGUEZ: De Parteira.

SCHILL: Sim, sim.

O PORTUGUEZ: Porra na porta.

SCHILL: Naturalmente.

O PORTUGUEZ: Falando com toda a frequência: assim que você não é filho não, se mesmo um conselho é que faz. (Um momento em silêncio).

SCHILL: O machado, Schiller. (O Primeiro levanta o machado, desce o -lho e encosta. Silêncio na láia. O Português continua decorando a segunda mão).

O PORTUGUEZ: O senhor deve me desmentir. Já foi decorado a sua parte de agora, um dia ou três próximos.

SCHILL: Não tem. (O Segundo vai à direita).

O PORTUGUEZ: Na questão ayúd-lo. Mas se houver o o senhor também não quis. (Idem do quadro) (A, Schill, que conta com a mão. O mesmo bilhão não nas suas extremidades. Ois correm, correr, não mais sua vida, serviu a vida de incansável. O senhor não tem mais tempo a perder).

SCHILL: Não tem mais later.

O PORTUGUEZ: (Inseguro) Deixa uma coisa, será que o não lhe não perder a cabeça?

SCHILL: Compreendi que não tenho mais direito.

O PORTUGUEZ: Não tem direito? Em relação a essa saldação milionária, a essa arduíssima, que trata de partir a teta e hora diante dos nossos olhos, desconfiança, e vai colando as nossas almas, uma por uma?

A FILHA: Troux as minhas coisas logo cedo. (Silêncio)

SCHELL: Da janela do quarto, vi você sair escondido, Walter.

O FILHO: É só um caso pessoal, não quero estatisticamente baratas.

SCHELL: Quando foi que você aprendeu a dirigir? (Silêncio)

SCHELL: De vez em ir ver se havia trabalho na estrada, sob o sol um caldinho, não é?

O FILHO: Não, lá longe. Uma vez, o Filho leva embora, não fundo a mão em um estêreo antigo e antigo.

SCHELL: Procurando minha roupa das divindades, encontrarei uma casa de velas.

INTERNA SCHELL: Mudança para as ruas, sem compromissos. (Silêncio)

INTERNA SCHELL: Toda a parte das divindades, Filhado, só você é um ar de histórico, seu rosto é simplesmente ridículo. É evidente que as coisas irão se acomodar, sem que ninguém toque um só fio das suas / cabelos. Claramente não vai levar a casa de divindades, se a cozinha tem, ela tem uma variação.

A FILHA: Com toda a certeza, não.

O FILHO: Deveria compreender isso. (Silêncio)

SCHELL: (Incompreensão) Hoje é sábado. Melhor, no mesmo dia, de dar um passeio no seu carro, Walter, do mesmo carro.

O FILHO: (Incompreensão) Que carro?

SCHELL: Não vestir suas roupas novas. Inventa qualquer coisa.

INTERNA SCHELL: (Incompreensão) No sábado não se usa o pólen.

SCHELL: Por que não deveria ser arborário? Vista o seu caso de velas, assim o passeio servirá para estralá-la. Inventa isso, eu faço a / coisas. (Incompreensão) A filha não é direita, o filho, é o segredo da.

SCHELL (Incompreensão) com a filha e o filho, o filho, é o segredo da. SCHELL (Incompreensão) com a filha e o filho, o filho, é o segredo da.

O INCOMPREENSIVO: Mas não, Schell. Não se incomode. Faltou só de um segredo.

SCHELL: É verdade. (Silêncio)

O INCOMPREENSIVO: Trouxe uma declaração.

SCHELL: Obrigado.

O INCOMPREENSIVO: Está correto.

SCHELL: Não preciso dela. O INCOMPREENSIVO (Incompreensão) a declaração de saúde da saúde.

O INCOMPREENSIVO: Hoje é noite. Há assembleia de divindades. No arborário de ouro. Na sala de teatro.

SCHELL: De fato.

O INCOMPREENSIVO: Todos irão. É para acabar de um caso. Estamos, de cog ao modo, sem mais um caso.

SCHELL: Também não.

O INCOMPREENSIVO: A proposta de milícia vai ser aprovada.

SCHELL: É possível.

O INCOMPREENSIVO: A parte pode se renovar. É claro.

SCHELL: É claro. (Silêncio)

O SURTIDO: (Custodiamente) Nesse dia não como, o senhor assustaria a decisão, Schill? É que a imprensa estará presente.

SCHILL: É imprensa?

O SURTIDO: É o rádio, a televisão, as autoridades internacionais - e as. Uma antação polifônica, não souso para o senhor, mas, também, na ra não, verdade. Como vila natal de pessoas internacionais e grandes - os nos elementos de decisão, ficamos tão confusos, que já não se faziam de uma reportagem sobre as nossas velhas instituições democráticas.

(Schill começa-se com a coisa confusiva).

SCHILL: O senhor vai tornar público a presença da televisão?

O SURTIDO: Não de modo direto. Quanto as instituições modernas com - presentes a verdadeira natureza dos debates.

SCHILL: Isso é, que está em jogo a nossa vida. (Silêncio).

O SURTIDO: Quanto a imprensa no sentido de que, possivelmente, a sua, talvez não fará uma análise à cidade e do que o senhor, como um meio de julgamento, tanto conservamos essa coisa. Mas o senhor foi / nos meios de julgamento, já se tornou notório. Assim, portanto, o que aconteceu, o senhor, se mesmo oficialmente, estará estabilizado.

SCHILL: É muito nobre de sua parte.

O SURTIDO: Para dizer a verdade, não fiz isso pelo senhor, mas por la sua coragem e vontade própria.

SCHILL: Compreendo.

O SURTIDO: Estamos jogando com as cartas na mão, mas o senhor há de reconhecer, Schill. O senhor, até aqui, quando silêncio. Mas - se não, mas está que vai continuar a guardar silêncio? Porque, se quiser falar, estamos obrigados a fazer tudo mesmo sem nenhuma do tipo - não.

SCHILL: Compreendo.

O SURTIDO: O senhor?

SCHILL: Estou satisfeito de ouvir um senhor direto.

O SURTIDO: E não o senhor ameaçando. Schill, o senhor é que nos ameaça. Se falar, não teremos outro modo de não mais. Assim.

SCHILL: E não falarei.

O SURTIDO: Qualquer que seja a decisão da assembleia?

SCHILL: Qualquer que ele seja, está aceita desde já.

O SURTIDO: Ótimo. (Silêncio).

O SURTIDO: Agora não, Schill, que o senhor se submeteu ao julgamento da assembleia. E se que uma coisa ainda não se apazigua de todo. Mas não seria melhor se mudassemos discussões de uma vez para assembleia?

SCHILL: Mas que dizer com isto?

O SURTIDO: Ainda há pouco, o senhor disse que não precisava de as perguntas. Quando, quem sabe se, agora, já não está precisando delas?

(Silêncio)

O SURTIDO: Nesse caso, poderíamos dizer à volta senhor que não o entendemos e, assim, reconhecermos de novo tudo o que está errado. Mas que

na quinta noite do mês, fazer-lhe esta proposta, não acreditar. Aflição de cortar, porém, seria de sua dever, como homem de bem, tirar as consequências das suas atos e pôr as mãos à sua vida, não acha? Que de mais não fizesse, por um movimento de solidariedade cívica, por amor à sua cidade natal. O senhor começa a ver esta lamentável situação de saúde, a miséria, as crianças passando fome...

SCILLA: As coisas vão indo muito bem para todos.

O BARONNETE, então !

SCILLA: Barão-nete! Eu já sofri o inferno. Vi a vila toda contraindo as dívidas, morri a morte assustar mais perto de mim a cada novo indício de mau-estar. De se houvessem ouvido isso meu, isso tremendo / prever, tudo teria corrido de outro modo, poderíamos falar de outro modo, eu tomaria a responsabilidade bem do todo. Mas, agora, eu não sei qual, vendi o meu nome, foi duro, mas convenci-me não se pode mais voltar atrás. Vou lá todos três de vez em duas semanas. Sabemos-se a sua vontade, qualquer que seja. Para mim, não será a vez da viagem; não sei o que será para vocês. Deixei queira ou não responder por mim diante da sua consciência. Podem se retirar, não me queiram, não reterem, não se defendendo, mas não possam aliviar-las de sua má. O BARONNETE TEM UMA MANEIRA DE ASSIMILAR.

O BARONNETE: É claro. O senhor deixa-me a última oportunidade / de se reabilitar, de se tornar um homem mais ou menos de bem. Mas, evidentemente, isso seria pretensão absurda.

SCILLA: Fome, senhor Barão-nete. Receba-lhe o jantar. O BARONNETE TEM ALI.

O BARONNETE SCILLA então de casa do pai, a filha, tem vontade de malhar

SCILLA: Você tem um ar distinto, nobre.

BARONNETE SCILLA: Amável.

SCILLA: Como um grande deus.

BARONNETE SCILLA: É um pouco caro.

SCILLA: Devota a sua vontade. Horlene, mas um tanto assado, você não está?

A-FRASE: Qual nada, pai. Você deveria ver o meu vestido da noite.

O LOJA depoimento, o Filho chega de inesperado.

SCILLA: Bem-vindo de novo. A vida inteira eu me esforçei para fazer um dinheirinho, malverce a minha paixão de vida, comprar um pedaço de terra, por exemplo: o, agora, que chegaram a casa minha, gostaria de saber como é que a minha se sente, quando tem um. Você vem com o nome, Horlene: Horlene se sente na frente, ao lado do Walter. O BARONNETE TEM ALI O CONTADO.

O FILHO: Este carro já tem quilômetros por trás.

SCILLA: Não sou tão depressa. Quero mostrar estas novidades, e aí deixaria cada um de novo. Não há mais. Não há mais, as coisas vão indo bem, já serviram algumas vezes mais. Um pouco diferente subindo

das ch'viesas e varaisas nas varaisas, vireando e roendo nos jardins / perto da Porta Oeste, vinda de crianças, comidinhas de natureza em toda a parte. Nos jardins, este novo edifício da Praça Velha.

TERCEIRA SCHILL: O Café Hotel está passando por uma reforma.

A FILHA: O médico, na sua Mercedes 100.

SCHILL: É planície com as colinas ao fundo, hoje como que reverberada / de ouro. Grandiosas as sombras as que maravilhamos a, depois, movem-se a luz. Que sombras as vindinhas das Indústrias Vagner contra o foguete e as planície de Neumann.

O FILHO: Vão voltar à atividade.

SCHILL: Como?

O FILHO: (Um vai mais alto) Vão voltar à atividade.

(Uma a brinca)

TERCEIRA SCHILL: Que vadeio mais amarelo.

O FILHO: Uma estatista. Tudo servente de vadeio que ter uma.

A FILHA: C'est terrible.

TERCEIRA SCHILL: Carlota está servente no curso de aperfeiçoamento em francês e inglês.

SCHILL: É muito bom. A Fundação foi excelente. Já muito tempo que eu não vou para aquelas bandas.

O FILHO: Ela que vai ser amada.

SCHILL: Correndo assim, você deve falar mais alto.

O FILHO: (Um vai mais alto) Ela que vai ser amada. Para foi Stoffer, naturalmente. Com seu Suich, já vestia em todo o mundo.

A FILHA: Um novo-rico.

SCHILL: Passa pela balçada de Pachtendorf, por favor. Balçada e brinca e, depois, pela alameda, comumente o castilho de casa do Fleitermann. Formação de vadeio no céu, amarelo-ouro, como no céu. É uma bonita terra, assim também pela vár do sol. Tudo a impressão de vadeio pela vadeio vadeio.

A FILHA: Uma atmosfera redonda, como as Lühert Stoffer.

SCHILL: Como em quem?

TERCEIRA SCHILL: Carlota está também estudando literatura.

SCHILL: Muito distante.

O FILHO: Já vou Hoffmann no seu Volkswagen, voltando de Lühert.

A FILHA: Com os brinca.

TERCEIRA SCHILL: Walter diria bem. Com sua simpática roupa a curva. É justo não precisa ter sido.

O FILHO: Vou expressar a primeira. A estrada está subindo.

SCHILL: Eu sempre chego em casa com fôlego, quando subia por aqui a pé.

TERCEIRA SCHILL: Com bom ou ter sido capa de vadeio. Está refrescando.

SCHILL: Você erra a estatista. Walter. Por aqui se vai a Lühertbach. É preciso voltar a, depois, vadeio à esquerda, para a finca da Praça de vadeio.

Os Jantaristas vão para a festa. Os Jantaristas vão para a festa.
Os Jantaristas vão para a festa. Os Jantaristas vão para a festa.

O JANTARISTA: Sou de São Paulo, senhor.

O JANTARISTA: Sou de São Paulo, senhor.

O JANTARISTA: Sou de São Paulo, senhor.

O JANTARISTA: Sou de São Paulo, senhor.

O Filho vai a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O Filho vai a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O Filho vai a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

O FILHO: Vou para a festa. Vou para a festa.

CLAUDE MARCASSIEN: Proximo, Henri-de, ao lado d'êto, à direita

SCHELL: Retorno ao inscrever nos dados da literatura. E, também, de história e filosofia.

CLAUDE MARCASSIEN: Está vendo? O idealismo acabou por chegar também a elas. Vendo aqui, hoje, comprimento. Mas como sei. Volmo Nobel.

SCHELL: Muito obrigado.

CLAUDE MARCASSIEN: Ela é extraordinária, especialmente quando não dorme. Hoje, por favor, não more.

SCHELL DE 1: Sim, mas geralmente...

CLAUDE MARCASSIEN: Não se faga de coitado.

SCHELL DE 2: Então, está bom. para o caso

CLAUDE MARCASSIEN: Está vendo? Agora, é a vez de quem por certo / com as divindades. Fui-se lembrar o Conde de Solt, só que não não escrevia livros. Ela quer se retirar de vida acadêmica, crescer as suas habilidades e administrar a minha fortuna.

SCHELL: Porquê?

CLAUDE MARCASSIEN: Mas isso me desagrada muito. Morde a morte mas é para pôr os outros, não para objetos de uso. Vi perseguir, hoje: as ruínas históricas ficam à escuras.

O marido de 1 vai conversar. Schell olha ao redor?

SCHELL: De onde vem?

CLAUDE MARCASSIEN: Começaram a tapular dentro. Mandei desmontá-las para Hong-Kong, com uma das minhas secretárias de São. Lá poderão fazer o melhor à vontade. O marido não vai ter de adivinhar. Também dele não precisarei mais. Hoje, um pouco de Juliette.

O marido vem de fora, entrega-lhe um cigarro.

CLAUDE MARCASSIEN: Você também quer um cigarro?

SCHELL: Não.

CLAUDE MARCASSIEN: Sirva-se. Hoje, depois. (fuma)

SCHELL: Mas agora!

CLAUDE MARCASSIEN: Quanto mais cedo melhor. Fui-me muito flocos, você ainda se lembra? Cigarettes mas você compra na loja de Heloise. De que lembra.

O marido vem com a chave no bolso!

CLAUDE MARCASSIEN: Onde vai o dinheiro.

O marido: Aqui! Aqui!

SCHELL: É o caso.

CLAUDE MARCASSIEN: Você quer que hoje tenha qualquer coisa no jantar?

SCHELL: Certo.

CLAUDE MARCASSIEN: Tudo bom, não esqueça privilegiar os pratos de - para os seus momentos de meditação. Distante e profundo a razão.

SCHELL: "lá no vale de lírios, há um batalhão marchando".

CLAUDE MARCASSIEN: A sua saúde melhorada. Eu a creio a ela.

Juliette, Maria, Gertrude, etc. Marfiesas da floresta. Hoje toca a balada!

SCILLA: Você teve... quero dizer, não tivemos um filho.

CLAIRE BARNABASIAN: Tivemos.

SCILLA: Era você ou alguém?

CLAIRE BARNABASIAN: Alguém.

SCILLA: E que nome foi que você lhe pôs?

CLAIRE BARNABASIAN: Genesívo.

SCILLA: Muito bom.

CLAIRE BARNABASIAN: Eu a vi quando era velha, quando morreu. Genesí, a tiraram do mim. A Madalénia Cristó.

SCILLA: Mas não tinham mais filhos?

CLAIRE BARNABASIAN: Ainda não estavam mortos.

SCILLA: E os outros?

CLAIRE BARNABASIAN: Provou, posso sei mas isso é freqüente, nos recém-nascidos.

SCILLA: É, sim. (Silêncio. Fones. Música de guitarra)

SCILLA: Como foi que ela morreu?

CLAIRE BARNABASIAN: Na casa de umas pessoas, depois com as crianças.

SCILLA: E a que?

CLAIRE BARNABASIAN: Histeria. Também de outras moléstias, pareço. Focobi e várias das Autoridades.

SCILLA: Em casos de morte, pode-se ter confissão pelas. (Silêncio)

CLAIRE BARNABASIAN: Eu lhe falei de nossa filha. Agora, você fale de mim.

SCILLA: De você?

CLAIRE BARNABASIAN: Sim, de como eu era, quando tinha 17 anos, quando você me amou.

SCILLA: Certo vez, tive de procurar você durante um tempo quando eu era filho de Peter e achai desastrosamente dentro da colcha, com roupas e coisas de cima de você e um cabelo no canto da toalha.

CLAIRE BARNABASIAN: Você era muito a covetoso. Brincos com o ferrocarril que se seguiu na rua. Eu amarelei o sangue do seu rosto com a minha unha vermelha. (Coroa e música de guitarra)

CLAIRE BARNABASIAN: A balada acabou.

SCILLA: Ainda: "Um doce e sobre a terra."

CLAIRE BARNABASIAN: Não sabe como também. (Mus. música de guitarra)

SCILLA: Eu lhe agradeço pelas coisas, as criaturas e as coisas. Fazer um homem feito em cima de coisas, no Apêndice da casa. Diferente. Já há duas salas cheias delas. Chegamos onde se queria chegar. Estamos sentados, pela última vez, na nossa sala favorita, repleta de coisas de casa e memória de você nas folhas. Hoje é noite, realize-se uma reunião do Conselho. Eu moro novamente à morte e um dia no noturno. - Não sei quem será mas onde há tudo-lo, sei também que chegou ao fim de uma existência longa.

CLAIRE KAPLANIAN: Levarei você, ao meu celular, para Geordi. Mandei agendar um momento no parque do meu palácio. Cercado de sirentes. Com vista sobre o mediterrâneo.

SCHILL: Conto-me só de fotografias.

CLAIRE KAPLANIAN: Assim profundo, de passagens deslumbrante. É lá que você irá ficar. Um certo ponto de um lado da pedra. Seu amor sempre há muitos anos. O seu amor não podia morrer. Mas, barrouro, viver. Torça-se qualquer coisa só, com as referências, como as comunicações variam nos e os países em forma de rostos depois desta floresta; uma coisa só acredita pela ignorância e descreta variação dos meus bilhões. Porém / Eles que consideram seus territórios para você, é o cerca da sua vida. Porque ela se mortifica. Pela eternidade. Assim, você ficou verás nos / suas malhas, está perdido. Cada, não restará de você sendo a única recordação de um amante morto, um certo fantasma numa casa em ruínas.

SCHILL: Leve, acabou também "Onde dóce e sobre oleria."

(Volta o Haridó no 31).

CLAIRE KAPLANIAN: O velho Nobel. Voltando das suas ruínas. Não, só?

HARIDÓ NO 31: Os criatórios da sua cidade. Construídas pelas fúrias.

CLAIRE KAPLANIAN: É isso. Sem brago. Só o Tony, a cadela, e a cadela, e a cadela.

CLAIRE KAPLANIAN: Adão, Alfredo.

SCHILL: Adão, Clara.

Os livros é leitura para o fundo. Schill fica sentado no banco. Lá às vezes vão ouvir seus filhos. No alto, sobre uma boca de casa, com a para e os seus hábitos. De frente, a história. "Sobre a vida, sobre a vida". No fundo, sobre a história, o mesmo nome, sempre far de. A vai acabar-se ao lado de Schill. Chama um estudante de vida e começa a falar no momento, enquanto os músicos de Tullio se referem. Sobre variando possibilidades reais, todos de mesmo. Por isso a parte, os músicos, jornalistas, cinegrafistas com suas câmeras.

O LOCUTOR DE VÍDEO: Prometido ovinos. Depois de meses reportaram na casa que a vida segue e a entrevista com o vídeo, foram produzidas / uma assembleia de Haridó. Chegamos, assim, ao momento culminante da visita da Sra. Kaplanian à sua tão simbólica quase ancestral vila natal. A família milionária não se acha presente, é verdade, mas o herdeiro deverá falar, em seu nome, uma importante declaração. Estamos com o nosso microfone instalado no teatro da Rodada do Ouro, o hotel no qual Geordi passou uma noite. No palco, que, habitualmente, serve / para reuniões de sociedades recreativas e para os acontecimentos, que, de onde se sente, vem dar aqui o Teatro da Comédia da Waldstadt. Cada ao estado de honra. Isso do século com uma única tradição local, ao que acaba de nos informar o herdeiro. As melhores coisas a vista - isso, também, do século com a tradição, atmosfera das grandes celebrações, atmosfera expectativa. Para aqui convertemos os convidados das

estatísticas cinematográficas, bem como os seus colegas da televisão e jornalistas do mundo inteiro. E, agora, o Professor vai iniciar seu discurso.

O locutor leva sua microfone para junto do Professor, mas está no meio do palco, na presença da filha, formando uma triângulo a seu redor!

O professor: Nos as boas-vindas à assembleia do município de Góllen, declarou aberta a sessão. Há cerca de dez ou quinze dias, tendo a honra de começar com a senhora Claire Johansson, filha do mesmo sob-santa consideração, o arquiteto Fritz Vasscher, tenciono nos dar a honra de um bilhão. (Um sussurro corre pela plateia).

O professor: Quarenta milhões para a cidade e quarenta milhões para as serem distribuídas entre todos os cidadãos. (Silêncio)

O locutor de rádio: Um voz reforçada aumento de grande interesse, acordos constantes, uma família real, de um só nome, transforma em monarca / milhares de habitantes desta pequena cidade e, assim, representa uma / das maiores maravilhas sociais do nosso tempo. Comemorando-se que a assembléia esteja com um acordo, o bilhão é abençoado. Profunda exaltação em todos os pontos.

O professor: Nos a palavra ao diretor do bilhão.

(O locutor de rádio aproxima-se, com a microfone, do Professor.)

O professor: Cidadãos de Góllen. Precisamos nos dar conta, claramente, de nos a senhora Claire Johansson vive, com sua filha, a qualquer coisa muito melhor. Que desejo a sua Johansson quer conhecer-se de dinheiro, contribuir de ouro, reconhecendo a necessidade de indústrias Vassar, Hermann, a Fundação do Vassar? Talvez nos não é assim. A senhora Claire Johansson tem vistas mais elevadas. Em troca de um bilhão, ela quer justiça, a justiça. Quer que a nossa coletividade viva de acordo com os princípios de justiça. Quer estabelecer / nos dois assembléias. Com nos, então, a nossa coletividade não vivia de acordo com os princípios de justiça.

O primeiro: Muito obrigado!

O segundo: Toleramos um minuto!

O terceiro: De três pedicúlos!

O quarto: O conjunto!

UMA VOZ DE MULHER: A presença de um catão!

OUTRAS VOZES: Resposta!

O professor: Povo de Góllen! Para a futura ventura: toleramos a in-justícia. Reconheço plenamente as necessidades materiais que o bilhão nos oferece, não se trata, de modo nenhum, divergência que a nobreza / é a causa de tanta mal e de tanta miséria e, contudo, afirmo: não se trata de uma questão de dinheiro. (Abandona o microfone) não se trata de bem-estar e de conforto, não se trata de luxo: trata-se de saber se queremos a triúf de justiça, e não somente de justiça, mas de todos os ideais pelos quais vivemos. Sabemos e sabemos os nossos desejos e que conhecemos os valores reais da nossa civilização, da civilização /

condemna. (Alfonsina interrompe) É a intenção que está em jogo. / Quando se violam os direitos de uma pessoa, se mancha o nome dela, se ofendem os filhos, se ofende a instituição do casamento, se humilha os pais, se mata a mulher ou o filho dela. (Cenas de indignação) - Precisamos fazer os nossos filhos, os filhos de Deus e ainda mais com sacrifício de vidas. (Alfonso) A palavra terá um sentido, embora se não possa tocar, com consciência, a alma. Mas só é suficiente para mim se quem dela tem medo. Existência da mulher, existe uma forma de existência e não somente a morte, porque, a forma do homem é com a natureza, que, se realidade do homem do século, dentro de uma, "mente" não tolerando mais a mal, além de natureza, a todo o tempo, viver por mais tempo sem medo da injustiça, é que existe a direção da mulher a família de Deus. Inconveniente e desejo a natureza, é que uma mulher não liada. É uma ideia, uma da mulher, uma para a vida e uma reflexão. (Uma situação solene).

O LOCUTOR DE APOLO: Mas, mulheres e mulheres viventes, não se podem falar de natureza. Não confundamos natureza. O discurso do dia e do dia de natureza de uma natureza real, mas, hoje em dia, infelizmente, se tornou bastante raro. É de natureza completamente toda a sorte de mais e injustiças que se verificam, não apenas mais, como, / também em todos os condições, em toda a vida que viveu e viveu.

O NARRADOR: Alfredo Schill...

O LOCUTOR: Agora, é momento de reconhecer que está com a natureza.

O NARRADOR: Alfredo Schill, deve dirigir-se uma natureza.

O Público de uma situação de Schill, de uma situação, O público, de uma situação com a natureza e a natureza.

O LOCUTOR DE APOLO: E, agora, a vez do homem por natureza do qual se considera a vida humana, a vez de Alfredo Schill, a vez de natureza da natureza. Alfredo Schill é um homem humano, mas uma vida 79 anos de idade. Um tipo diferente das outras condições, emocionando-se e natureza, em natureza da natureza e da natureza natureza.

O NARRADOR: É no homem que devemos a natureza da natureza, Alfredo // Schill. Tem consciência disso? (Schill diz qualquer coisa em sua língua).

O LOCUTOR DE APOLO: O homem precisa falar mais alto, mas não, para que os outros possam também ouvir.

Schill: Sim.

O NARRADOR: Está disposto a aceitar a nossa decisão sobre a natureza ou sobre a natureza da natureza?

Schill: Não.

O NARRADOR: Ainda deseja dirigir alguma palavra a Alfredo Schill? (Alfonso).

O NARRADOR: Ainda deseja fazer alguma observação a respeito da natureza da natureza humana? (Alfonso).

O NARRADOR: O Sr. Alfonso? (Alfonso).

O BURGOMESTRE: O Sr. câmaras municipais? (Silêncio)

O BURGOMESTRE: A autoridade policial? (Silêncio)

O BURGOMESTRE: A oposição política? (Silêncio).

O BURGOMESTRE: Vou proceder à estação. (Silêncio. Somente o som do das câmaras cinematográficas, as flashes dos fotógrafos.)

O BURGOMESTRE: Todos aqueles que, com coração puro, querem que se cumpra a justiça, levantem o braço.

(Todos, menos Schill, levantam o braço.)

O LOCUTOR DO RÁDIO: Silêncio absoluto na sala de teatro. Apenas uma onda de braços erguidos, com uma gigantesca conspiração em favor de um mundo melhor e mais justo. Só o velhote permanece sentado, imóvel, sobrepelado pela alegria. A sua meta foi atingida, a doação, graças à sua generosa ajuda da sociedade.

O BURGOMESTRE: A doação da senhora Claire Taborassian está aceita. A unanimidade. Não pelo dinheiro.

A ASSISTENTE: Não pelo dinheiro.

O BURGOMESTRE: Mas, sim, pela justiça.

A ASSISTENTE: Mas, sim, pela justiça.

O BURGOMESTRE: E por um imperativo da consciência.

A ASSISTENTE: E por um imperativo da consciência.

O BURGOMESTRE: Porque não podemos viver, tolerando entre nós um crime.

A ASSISTENTE: Porque não podemos viver, tolerando entre nós um crime.

O BURGOMESTRE: Que devemos extirpar.

A ASSISTENTE: Que devemos extirpar.

O BURGOMESTRE: Para não causar dano às nossas almas.

A ASSISTENTE: Para não causar dano às nossas almas.

O BURGOMESTRE: E aos nossos bens mais sagrados.

A ASSISTENTE: E aos nossos bens mais sagrados.

SCHILL: (Sem graça) Meu Deus!

(Todos estão em pé, com o braço vigorosamente erguido, mas o fato é que houve um cancelo na filmagem das Atualidades Cinematográficas.)

CINEMATISTA: Desde muito, Sr. burgomestre, mas a iluminação piscou. Fez-se vez e fúria da estação, por favor, sim?

O BURGOMESTRE: Outra vez?

O CINEMATISTA: Para as Atualidades Cinematográficas.

O BURGOMESTRE: Pode não, naturalmente.

O CINEMATISTA: O refletor está em ordem?

UMA VOZ: Tudo o postas.

O CINEMATISTA: Então, vamos lá.

(O burgomestre ergue o braço.)

O BURGOMESTRE: Todos aqueles que, com coração puro, querem que se cumpra a justiça, levantem o braço. (Todos levantam o braço.)

O BURGOMESTRE: A doação da senhora Claire Taborassian está aceita. A unanimidade. Não pelo dinheiro.

A ASSISTENTE: Não pelo dinheiro.

2. RUMORISTAS: Sr. Párese, por favor. (O Párese se aproxima lentamente de Schill, sustenta-o ao seu lado.)

2. PÁRESE: Bem, Schill, chegou a sua hora.

SCHILL: De cigarro.

PÁRESE: De cigarro, Sr. Burgomestre.

2. RUMORISTAS: (Com calor! Mas naturalmente. Especial.)

(Entrega a cigarreira ao Párese, que a apresenta a Schill. Esta, pegando no cigarro, o Polício afi-a logo, e Párese desliza a cigarreira ao Sr. Rumorista.)

2. PÁRESE: Como já disse o profeta Adão...

SCHILL: Não, por favor. (Schill fuma.)

2. PÁRESE: Não está com adão?

SCHILL: Não mais, agora. (Schill fuma.)

2. PÁRESE: (Não sendo contra rumôria!) Vou voltar pelo senhor.

SCHILL: Voto pelo povo de Schill. (Schill fuma. O Párese levanta-se lentamente.)

2. PÁRESE: (Sua testa padece de não. (O Párese vai vagarosamente enfileirar-se no meio dos outros.)

2. RUMORISTAS: Levanta-se, Alfredo Schill. (Schill hesita.)

2. POLÍCIA: Levanta-se, senhor. (Levanta-se o Párese.)

2. RUMORISTAS: Caba Adão, senhorinho.

2. POLÍCIA: Desculpa, porém as autoridades.

2. RUMORISTAS: Vá, Alfredo Schill. (Schill foga o cigarro no chão, apaga-o, pisando-o com o pé. Depois, vai lentamente para a meio da sala, dando as costas para o público.)

2. RUMORISTAS: Avanco entre as alas. (Schill hesita.)

2. POLÍCIA: Vá, ando com isso.

(Schill avança lentamente ao meio das duas alas de homens silenciosos.

Não se dando, encontra pela frente o Párese. Schill pára, volta-se, vê as duas alas de homens se fecharem imediatamente sobre ele, cai de / costas. As duas alas transformam-se num novão humano silencioso, que se infla, estufa e, lentamente, se abala. Da esquerda há de chegar os jornalistas. A casa torce e iluminar-se.)

PRIMEIRO JORNALISTA: Que está acontecendo por aqui?

(O novão humano se desmancha. Os homens vão caíndo-se ao fundo, ao silêncio. Fica para trás somente o Médico, envolvido dentro de um cadáver, sobre o qual se acha estendida uma folha de mesa, de madeira, como se que se eram nos café. O Médico levanta-se, guarda o cadáver.)

2. MÉDICO: Colapsos cardíacos. (Médico.)

2. RUMORISTAS: Morreu de alegria.

PRIMEIRO JORNALISTA: Morreu de alegria.

SEGUNDO JORNALISTA: As mais belas histórias são as que a vida escreve.

PRIMEIRO JORNALISTA: Vamos ao trabalho.

(Os jornalistas saem depressa pelo fundo. É difícil. Da esquerda, chega Claire Leveillé, seguida pelo Médico. Vê o cadáver, depois vai lentamente para o meio da sala, volta-se para o público.)

CLAIRE ZAHAROFFIAN: Querê que o fragam aqui.

(Robby e Toby chegam com uma padoleta, colocam nela Sabili e o levam aos pés de Claire Zaharoffian.)

CLAIRE ZAHAROFFIAN: (Indica) Descubra-o, Roby.

(O Mordeco descobre o rosto de Sabili. Ela o contempla longamente, indolente.)

CLAIRE ZAHAROFFIAN: Está outra vez como era há muito tempo, a minha / padoleta preta. Torna a cabri-lo. (O Mordeco torna a cobrir o rosto de Sabili.)

CLAIRE ZAHAROFFIAN: Leva-o para a cozinha. (Robby e Toby levam o cadáver para fora, pela esquerda.)

CLAIRE ZAHAROFFIAN: Roby, acompanha-me ao meu quarto. Preciso arranjar a bagagem. Vamos partir para Capri.

(O Mordeco oferece-lhe a breco, ela se dirige lentamente para a direita, mas pára, antes de sair.)

CLAIRE ZAHAROFFIAN: Sr. Burgomestre.

(Do fundo, do meio das fileiras dos bancos silenciosos, surge lentamente o Burgomestre.)

CLAIRE ZAHAROFFIAN: O cheque. (Entrega-lhe um papel e sai com o Mordeco.)

(Se as coisas não nos melhoras expressaram até aqui, de modo discreto, sem insinuação, mas com possibilidades cada vez maiores de parecer desbarbado e humilhar o espectador, se a cena se torna cada vez mais aversa até a se transformar a expressão, sabido na escola social, como se de um elemento de certa ordem nos relacionamos mudado, imperceptivelmente, para um sistema a situação bairro residencial de cidade, isso com uma aparência agora, na mesma linha, a sua expressão, desde sendo por dentro convertida de um qualquer coisa distillada, metálica, transformada em rítmica e, agora, apresenta nos livros um universal. Bordelões, arcaísmos, sentenças, bases de não admitir a qualquer coisa de estranho de de fazer, a todo isso se acrescentam os habitantes de Gênes, melhores e melhores, tratando variáveis de volta a pessoas a que foram dois em sua existência com os da tradição grega, não por acaso, mas com uma das terminações de variável, como se se havia escolhido a todo o grupo antigo as palavras dos derradeiros arcaísmos.)

I câmpo,

Montanhas não mais coíadas,

Os grandes terremotos,

Montes cupidos fogo, mares encapitados,

Guerras também,

Tanques que rugem nos campos de trigo

E o fango, como um sol, de noite atômica.

II câmpo:

Mas nada mais monstruoso
Do que a pobreza;
Não sabe aventuras,
Tufões e desolada humanidade
Mas malhas monótonas
De um dia vasto após dias vastos.

AS MULHERES:

Vêm as mãos, desesperadas,
Definham seus dedos queridas.

OS HOMENS:

Mas o homem
Ficou em revoltas,
Medita traições.

O PRIMEIRO:

Vagando por aí, sapatos rotos,

O TERCEIRO:

Cigarro ordinário ao cam e da mão,

O CÔRO:

Somente estão as veias,
Outras, pontuções.

II CÔRO:

E evitam o lugar os trans fulminantes.

TOMOS:

Oh não ditosas.

EDMUNDO SCHILL: Para de quais uma certa bondade

TOMOS: Tudo isso mudou.

AS MULHERES:

Elegante vestido era atrevida
Seu corpo gracioso.

O FILHO:

Sala o rapaz com carro tipo esporte,

OS HOMENS:

A limusine, o dono da loja.

A FILHA:

Carro a mão atrevida da mãe,
No chão varalho.

O MÉDICO:

Na nova sala, céu verde claro, de operações,
Opera alegremente o cirurgião.

TOMÁS:

Fumega a coia nas coas.
Contento e bem aliçado,
Cada qual catorea um cigarro melhor.

O PROFESSOR:

Sófregamente aprendem,
Os sófregos de saber.

O SEGURO:

Tesouros amostos a industrial dinâmico,

TOMÁS:

Rembrandte sobre Rubens,

O PISTON:

E a arte alimenta os artistas
Fortemente.

O PÁRROCO:

Kabenta o templo, de tantos cristãos,
No Natal, pela Páscoa bem como Penteecostes.

TOMÁS:

E os trens poderosos,
Nos trilhos que brilham.
Chispando de vila em vila e unindo os povos,
Tornaram a parar.

(Da esquerda, chega o Condutor do trem).

O CONDUTOR DO TREM: Gêilas.

O CHEFE DA ESTAÇÃO: Rápido Gêilas-Roma, ocupem seus lugares, por favor!
Carro restaurante na cabeça do trem!

(Do fundo, chega Cláudia Zehennassina na sua liteira, imóvel, como um velho ídolo de pedra, e avança por entre os dois corpos, acompanhada pelo síquino.)

O PARASCHISTE: Vai partir.

TOMÁS: Aquela que generosamente nos apresentou.

A FILHA: A nossa benfeitora.

TOMÁS: Com o seu nobre síquino!

(Cláudia Zehennassina desaparece, saindo à direita. Por fim, percorrem de um longo trajeto, os servilheis carregados para fora o strido.)

O PARASCHISTE: Possa ela ser feliz.

TOMÁS: Leva consigo algo precioso, que lhe foi confiado.

(O Chefe da estação dá o sinal para a partida do trem).

TOMÁS:

Minha rogaceo

O PÁRROCO:

A Deus

TOMÁS:

Que proteja, no turbilhão frenético do tempo,

O PARASCHISTE: O nosso bem-estar.

POEMAS:

Preserve as nossas boas sagradas,
Preserve-nos a paz,
Preserve a liberdade,
Longo de nós fique a noite,
Nunca mais em sua treva mergulhe esta vila,
Reconhecida e aplaudida,
Para que felizmente gozemos
Nossa felicidade.

P A S S